



CATOLICISMO

Nº 901 – Janeiro de 2026 – Ano LXXVI

RETROSPECTIVA



A Igreja e o Mundo em 2025 Esperanças e Decepções

Jubileu de 75 anos da fundação de CATOLICISMO

CATOLICISMO

Desde 1951



12



43



52

3 EDITORIAL

4 EFEMÉRIDE

Catolicismo — 75 anos na luta contra-revolucionária, na imprensa autenticamente católica

8 COMENTÁRIOS DOS LEITORES

10 NOBREZA E TRADIÇÃO

Seleção de episódios históricos extraídos do livro *A volta ao mundo da Nobreza*

12 VIDAS DE SANTOS

Santo Odilon — um dos grandes abades de Cluny, cujo papel foi primordial na formação da Idade Média

16 CAPA — PARTE I

Retrospecto dos principais acontecimentos na Santa Igreja Católica em 2025 — Mudanças só de estilo?

28 CAPA — PARTE II

Retrospecto dos principais acontecimentos do mundo multipolar em realinhamentos num rumo caótico

33 CAPA — PARTE III

Retrospecto dos principais acontecimentos na América Latina em transição para a centro-direita

38 CAPA — PARTE IV

Retrospecto dos principais acontecimentos no Brasil. Dois polos firmemente delineados

43 ECOLOGIA

Com pretexto ecológico, a COP30, numa agenda comuno-indigenista, pretendeu fustigar o Brasil profundo

48 SANTOS E FESTAS DO MÊS

50 AÇÃO CONTRA-REVOLUCIONÁRIA

A Soberania Necessária e A da agricultura brasileira e sua contribuição para o meio ambiente

52 AMBIENTES, COSTUMES, CIVILIZAÇÕES

Nos tempos de outrora, a vida tranquila no bairro Campos Elíseos na então pequena São Paulo

NOSSA CAPA

Cúpulas da Basílica de São Pedro, no Vaticano, e do Capitólio dos Estados Unidos, em Washington.



CATOLICISMO

Diretor:

Mario Navarro da Costa

Jornalista Responsável:

Nelson Ramos Barretto

Registrado na DRT/DF sob o nº 3116

Administração:

Rua Javaés, 681

1º andar - Bom Retiro

CEP 01130-010 São Paulo - SP

Serviço de Atendimento ao Assinante:

(11) 3331-4522

(11) 3331-4790

(11) 2843-9487

Impressão:

HAWAII Gráfica e Editora

E-mail:

catolicismo@terra.com.br

Home Page:

www.catolicismo.com.br

ISSN 0102-8502

Preços da assinatura anual

Comum:	RS	390,00
Cooperador:	RS	540,00
Benfeitor:	RS	840,00
Grande Benfeitor:	RS	1.200,00
Exemplar avulso:	RS	34,00
Exterior:	RS	790,00

Publicação mensal da Editora
Padre Belchior de Pontes Ltda.

EDITORIAL

A recente mudança de pontificado, na Santa Igreja, suscitou muitas esperanças; mas também, como se tem visto, inseguranças, desconfianças e desilusões.

Um turbilhão de desordens catastróficas está encaminhando o mundo para a Terceira Guerra Mundial, mas reações conservadoras surpreendentes nos animam, provocando muitas esperanças.

Na geopolítica mundial, 2025 foi um ano de surpreendentes rupturas e inesperadas alianças. Elas convulsionaram o panorama global, sobretudo após a volta de Trump à Casa Branca.

No panorama católico, ao lado de calamidades inauditas, temos assistido a um verdadeiro renascimento da fé, sobretudo entre jovens, que estão retomando as práticas religiosas tradicionais no denominado *Catholic Revival*.

O que dissemos acima sintetiza acontecimentos do ano que findou. A retrospectiva de 2025, apresentada em quatro partes por abalizados colaboradores de *Catolicismo*, desenvolve com segurança aspectos de magna importância para o prezado leitor avaliar o *status quo* de assuntos de especial interesse para a civilização cristã.

* * *

Na presente edição iniciamos uma nova seção, intitulada *Nobreza e Tradição numa Cristandade Vigorosa*. Nela oferecemos aos leitores trechos extraídos do excelente livro *A volta ao mundo da Nobreza*, de Leon D. Beaugeste. Certamente será muito apreciada essa coletânea de episódios da História pouco divulgados, que nela são condensados, desfazendo conceitos errôneos sobre o valioso papel formativo da antiga nobreza católica, na coesão, harmonia e aperfeiçoamento da vida social.

* * *

Enquanto na edição anterior celebramos o número 900 de *Catolicismo*, na deste mês temos outra comemoração: jubileu de fundação! 75 anos de bom combate, destemido e incansável, sem falhar um mês sequer, desde 1951. Agradecemos a Nossa Senhora essa longa existência, a qual pouquíssimas revistas conseguem alcançar, e suplicamos a Ela especial proteção para as futuras edições, futuras polêmicas, futuras lutas pela maior glória de Deus.

Desejamos aos nossos leitores especiais graças ao longo do novo ano que se inicia, para que juntos continuemos a guardar a fé e perseverar no combate em prol do pensamento autenticamente católico.

EFEMÉRIDE

75 ANOS

DE UMA CRUZADA

Da Redação de *Catolicismo*

Raríssimas são as revistas que conseguem chegar perto de completar meio século de existência. Entretanto, com a presente edição, *Catolicismo* chega aos 75 anos!

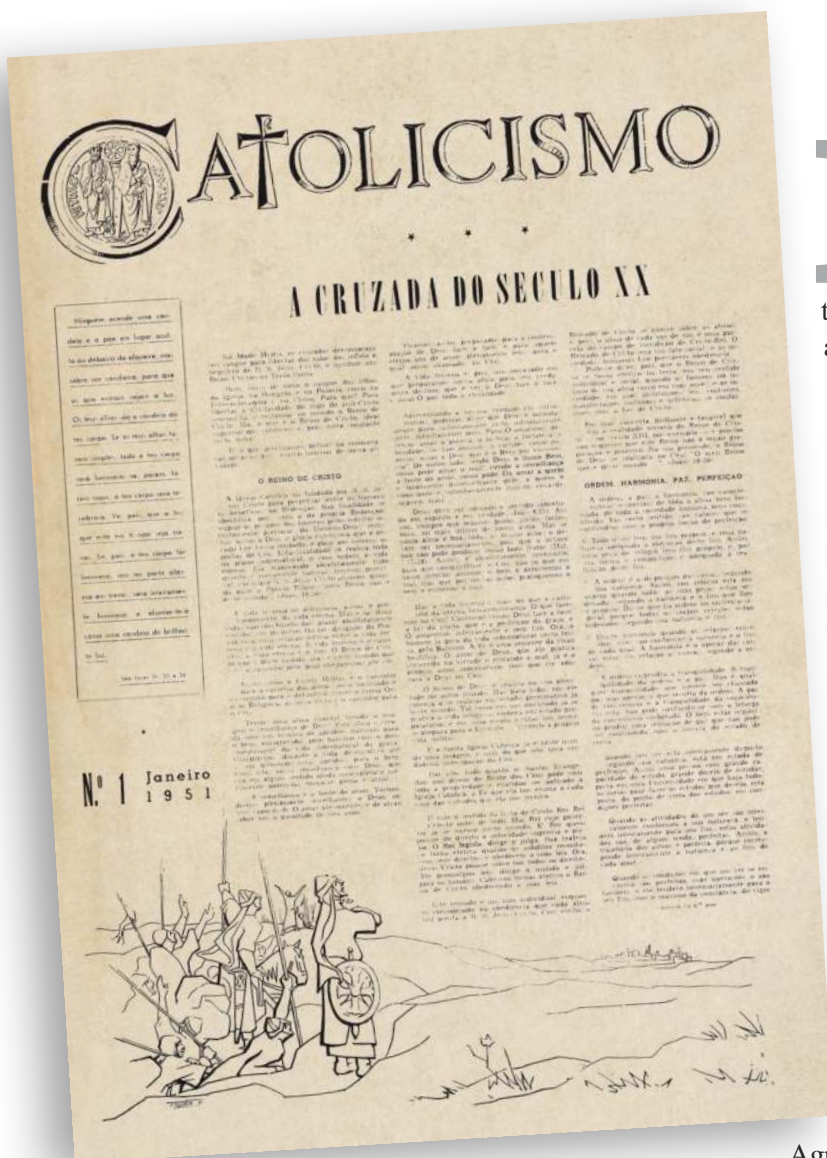
É um momento de comemoração, mas também de agradecimentos e pedidos de orações.

Agradecemos a Deus e à Santíssima Virgem por este jubileu, ao mesmo tempo em que Lhes suplicamos o prolongamento de sua poderosa e contínua proteção, para que possamos atingir outros jubileus.

Sem essa proteção estaríamos fechados, como tantos outros órgãos de imprensa, tão grandes foram as dificuldades ao longo do nosso percurso permeado de cruces. Mas, com o auxílio dos Céus, continuamos a jornada de modo ininterrupto... e sem 'crises de identidade'.

Ou seja, continuamos sempre no mesmo rumo, seguindo a orientação que nos legou o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira na difusão do pensamento autenticamente católico, tanto no campo espiritual quanto no campo temporal. Suas orientações se transformaram para nós em "jurisprudência".

Agradecemos também aos demais colaboradores por seus artigos, assim como a todos da redação e da administração da revista.



Primeiro número de *Catolicismo*, janeiro de 1951.

Agradecemos a todos os propagandistas e aos nossos diletos assinantes e leitores, sem os quais seria impossível esta longa e árdua caminhada no bom combate católico contra-revolucionário. Árdua também por não ser financiada com publicidade comercial, a fim de manter nossa independência e não sofrer censuras.

Rogamos a Nossa Senhora, Medianeira de todas as Graças, que recompense de modo materno e generoso todos que nos auxiliaram.

Nossa finalidade, nosso grande ideal

A missão do *Grupo de Catholicismo* foi explicitada várias vezes pelo saudoso Prof. Plínio. Por exemplo, no primeiro número de nossa publicação, que se iniciava em formato de jornal, ele escreveu o artigo “A Cruzada do Século XX”, cujo texto nos toca especialmente, pois representa bem a missão de jornalistas católicos militantes e indica nosso programa e meta. Dele segue um trecho, mas pode ser lido integralmente no link abaixo indicado:¹

“O próprio da Igreja é de produzir uma cultura e uma civilização cristã. É de produzir todos os seus frutos numa atmosfera social plenamente católica. O católico deve aspirar a uma civilização católica como o homem encarcerado num subterrâneo deseja o ar livre, e o pássaro aprisionado anseia por recuperar os espaços infinitos do Céu.

“E é esta nossa finalidade, nosso grande ideal. Caminhamos para a civilização católica que poderá nascer dos escombros do mundo de hoje, como dos escombros do mundo romano nasceu a civilização medieval.



Caminhamos para a conquista deste ideal, com a coragem, a perseverança, a resolução de enfrentar e vencer todos os obstáculos, com que os Cruzados marcharam para Jerusalém. Porque, se nossos maiores souberam morrer para reconquistar o sepulcro de Cristo, como não queremos nós — filhos da Igreja como eles — lutar e morrer para restaurar algo que vale infinitamente mais do que o preciosíssimo Sepulcro do Salvador, isto é, seu reinado sobre as almas e as sociedades, que Ele criou e salvou para O amarem eternamente?”.

Assistiremos a restauração da Cristandade

Ao longo dos nossos 75 anos de luta sem quartel, mesmo em meio a intensas polêmicas, pode-se dizer que combatemos destemidamente os principais erros que ameaçaram a civilização católica (como os erros da ideologia comunista espalhados por toda parte) e a Igreja (como os erros do modernismo/progressismo infiltrados nos ambientes católicos). Também se pode dizer que sempre alertamos nossos leitores para os erros da contracultura e da subcultura, assim como para os erros dissimulados pela Revolução gnóstica e igualitária que visa a destruição da Civilização. Com o mesmo destemor, sempre louvamos, aglutinamos e impulsionamos as principais boas reações que despontaram a favor da restauração da Cristandade como desejada por Deus.

Para a efetivação de tal restauração, nosso combate não é senão o zelo pela glória d’Ele. Infelizmente, estamos assistindo o ocaso da Cristandade, mas temos a certeza

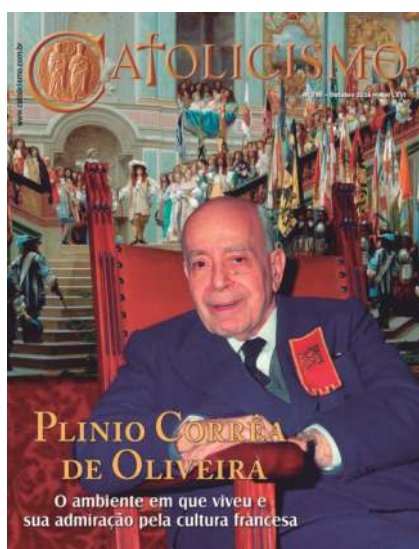
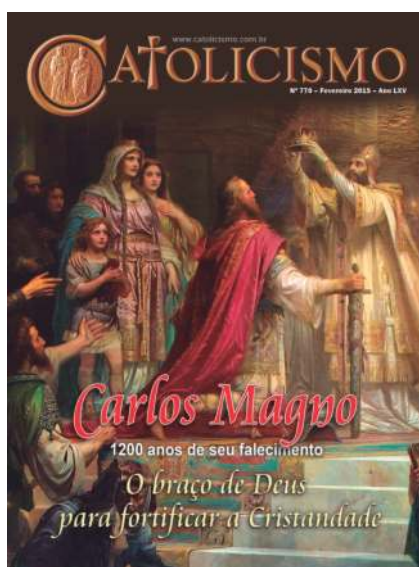
de que logo presenciaremos o seu raiar, como um sol que se levanta em todo seu esplendor.

Poder-se-ia objetar que somos suspeitos para falar de nosso próprio combate. Replicamos afirmando que muitos o atestam, sobretudo nossos leitores. Basta ver as cartas, e-mails, mensagens e/ou comentários que temos recebido, e em parte publicado (por falta de espaço), em nossa seção “Comentários dos Leitores”. A título de exemplo, apenas um desses comentários:

“*Catolicismo* é considerada a melhor revista da atualidade (a única que a gente tem vontade de ler da primeira à última palavra). Apesar de nunca ter ouvido falar de certas temáticas que defendem, foi como por um susto eu sentir como se o que vocês defendem/preconizam/divulgam é exatamente o que eu sempre quis encontrar, mas não ouvia o eco.

“Abracei a causa como se fosse invenção minha (aderi irrestritamente a todas as promoções que me são passadas), e continuamente estou divulgando por palavras, atos, doação de assinaturas e exemplos, principalmente no intuito de fortalecer a fé de quem já a tem, e despertar naqueles que não a têm.

“Sinto-me muitas vezes acuado pela incompreensão, mas na maioria das vezes vejo o fruto que se tem obtido, o que é um alento, principalmente no seio da família de onde me originei. Sinto apenas não ter sido melhor despertado no tempo em que eu estava na ativa (hoje estou aposentado), pois perdi a oportunidade de atuar no meio empresarial, onde ocupei os mais altos cargos em carreira executiva de mais de uma grande empresa.



“Mas ainda podemos fazer muito por tantos, neste nosso imenso Brasil, destruído pela República catadora de votos venais. Para terminar, parabenizando a persistência de todos aqueles que com santa dedicação dão continuidade à obra daquele de quem sou xará, Plínio.”

“*Catolicismo* é sua única expressão autêntica”

Outra objeção que se poderia levantar: Em vez do nome CATOLICISMO, não seria melhor CRISTIANISMO, por ser mais abrangente na inclusão de muito mais gente? Respondemos com as palavras de Plínio Corrêa de Oliveira:

“Seria melhor falar claramente em Catolicismo, do que em Cristianismo. Catolicismo é a palavra que distingue o Cristianismo autêntico das falsificações heréticas ou cismáticas: Cristianismo é uma palavra usada indistintamente por inúmeros fautores de erros e de heresias, como, por exemplo, os protestantes.

“No Brasil, a palavra ‘Cristianismo’ só tem seu som nacional e seu sabor de autenticidade quando acompanhada do adjetivo ‘católico’. Em matéria religiosa, dever-se-ia dizer sempre Catolicismo; ou, o que seria melhor, ‘Cristianismo Católico’.

“Simples questão de forma? Não. A palavra ‘católico’ dá um significado preciso e altamente expressivo à palavra ‘cristianismo’. Há uma apreciável dose de ecletismo religioso no simples vocábulo ‘cristianismo’, quando ele aflora aos lábios de nossos políticos.

“E é contra este ecletismo que protestamos. Porque, se o Brasil tiver de se salvar, sua tábua de salvação



Nossa Senhora aparece a São Francisco de Sales
- Carlo Maratta ou Maratti (1625 - 1713).
Pinacoteca Civica, Forli, Itália.

não será um vago ‘cristianismo’, diluído segundo o paladar variável de cada um de nossos estadistas, mas o Catolicismo, que é sua única expressão autêntica.”²

Aos pés da Virgem, os 75 anos de uma Cruzada

O Papa Pio XI declarou São Francisco de Sales patrono dos escritores católicos, por pregar o catolicismo autêntico, sem véus nem respeito humano, sem diluir a verdade da doutrina católica. O Pontífice disse que esse Santo Doutor da Igreja, bispo de Genebra do século XVII, deveria ser exemplo para nós:

“Estudar com o maior cuidado a doutrina católica e possuí-la na medida das próprias forças; evitar, seja alterada a verdade, seja atenuá-la ou dissimulá-la, sob pretexto de não ferir os adversários; cuidar da forma e da beleza do estilo, realçar e ornar as ideias com o brilho da linguagem, de modo a tornar a verdade atraente ao leitor; saber, quando um ataque se impõe, refutar os erros e se opor à malícia dos artífices do mal, de maneira a sempre mostrar que se está animado de intenções retas e que se age antes de tudo em um sentimento de caridade.”³

É bem exatamente isso que pretendemos em nossas colaborações para a revista *Catolicismo*, para sermos arautos da Santa Igreja Católica Apostólica Romana e paladinos na luta contra a Revolução gnóstica, satânica e igualitária.

Com toda confiança na Santíssima Virgem, depositamos a seus pés os 75 anos desta Cruzada, pedindo a Ela que nos anime cada vez mais na luta da imprensa católica, cubra com seu manto protetor nossos esforços imperfeitos e os aperfeiçoe, a fim de melhor os oferecer a Deus. A Ele toda honra e toda glória! ✠

Notas:

1. <https://catolicismo.com.br/acervo/num/0001/P01.html>
2. “Legionário”, Nº 215, 25-10-1936.
3. *Encíclica Rerum Omnium*, de 26 de janeiro de 1923.

Atrasos dos correios

Passei a receber as revistas em meados deste ano e tenho gostado bastante dos temas e da forma como eles são apresentados. Uma revista ímpar, pelo menos no Brasil, pois não vejo outra publicação com essa qualidade e com esse bom nível dos textos. Mas tenho uma reclamação a fazer-lhes: as revistas estão me chegando com atraso. Eu desejaria recebê-las no início de cada mês. Seria possível?

(M.A.T.F. – DF)

NdR: Agradecendo sua apreciação sobre nossa revista, lamentamos os atrasos dos correios. Por outras informações que já recebemos, infelizmente os atrasos nas entregas estão se multiplicando. Enquanto esse problema não se resolver, o que de nossa parte poderemos fazer é antecipar o fechamento das edições e a entrega antecipada na gráfica. Assim, pretendemos atenuar esses inconvenientes. Alguns leitores nos sugeriram o uso do Sedex. De fato, por essa via os envios seriam mais rápidos. Porém, solução inviável no momento devido ao custo elevado. Seguimos buscando alternativas que garantam maior agilidade nas entregas mensais. Contamos com sua compreensão e apoio.

Esperança de dois novos dogmas

Não fomos nós que associamos a Virgem Maria ao título de Corredentora e de Medianeira, foi Jesus Cristo que fez tal associação. Ele quis essa associação, assim como quis tê-La como Mãe. É assim e ponto final! Essa corredenção em nada ofusca a Redenção única de Jesus Cristo, mas, pelo contrário, a fortalece, pois Ela é intercessora entre Ele e nós. Ninguém vai dizer que a lua é superior ao sol e que ofusca o sol. Ocorre que nos facilita ver a luz do sol refletida na lua. Rezemos para que num futuro próximo estes dois títulos sejam proclamados dogmas. Seria uma maravilha e uma alegria indizível para os católicos do mundo inteiro. Será também para uma tristeza indizível daqueles que falam contra estes sacrossantos títulos.

(G.M.M. – SP)

Primeira árvore de Natal

Sei que o Menino Jesus nasceu pobre numa simples gruta, mas como ele era Príncipe de sangue real, sempre gostei de imaginá-Lo nascendo num Palácio. Achava isso válido, mas o artigo de Natal me confirmou. Fazendo sua leitura, sobretudo quando trata das celebrações natalinas nas cortes, tive a curiosidade de pesquisar sobre esta data

no Palácio de Versalhes e fiquei sabendo da primeira árvore de Natal em Versalhes e quero compartilhar com vocês a informação que achei muito interessante: “A primeira árvore de Natal é mencionada nos registros municipais da Alsácia em 1521 e é a Maria Leckzinska, rainha da França, de origem polonesa, que devemos sua entrada em Versalhes em 1738.... Era alguns dias antes do Natal. A neve que caía há semanas finalmente parou, e transformou os caminhos do parque do Palácio de Versalhes em um enorme parquinho escorregadio.... Em uma história animada, baseada em fatos históricos, estamos imersos no Palácio de Versalhes com as crianças reais, Luís, Adélaide Henriette e sua irmã gêmea Elisabeth. É inverno, poucos dias antes do Natal, e a Rainha conta a história dos Natais de seu país... Os olhos dos pequenos príncipes brilham com curiosidade e inveja... Assim, à medida que a história avança, o jovem leitor aprenderá como a primeira árvore de Natal chegou à França”.

(L.A.B.P. – PI)

Jesus desejou a mediação de sua Mãe

Como vários papas aprovaram e/ou usaram esses títulos de Nossa Senhora, vou continuar a usá-los tranquilamente. Não é um escrito de um cardeal que vai me dissuadir. Então, viva nossa Corredentora, Medianeira de Todas as Graças, por desígnio divinamente sábio de Deus. Aliás, como afirmou o Papa Leão XIII: “Por divina disposição, nada nos pode ser comunicado do imenso tesouro da graça de Cristo senão por meio de Maria. De modo que, assim como ninguém pode chegar-se ao Pai Supremo senão por meio do Filho, assim também, ordinariamente, ninguém pode chegar-se a Cristo senão por meio de sua Mãe”. Não poderia encerrar sem parabenizá-los pelos 900 números da revista. Desejo outros 900 e mais ainda. Como desejaria tê-los todos numa biblioteca...

(A.A.D.S. – DF)

Eco a um brado de Lutero?

Se fosse um documento aprovado pelo Papa Francisco, não me estranharia. Mas me estranhou, e muitíssimo, ter sido aprovado pelo Papa Leão XIV. O documento [“nota doutrinal”] do cardeal argentino Fernández poderia ter sido assinado por Lutero, que bradou contra a Santíssima Virgem, ou seja, um brado contra a Igreja Católica. Rogai por nós, Maria Corredentora e Medianeira de todas as Graças!

(U.F.P. – BA)

MEMÓRIAS DE UM COMBATENTE DA FÉ

Pe. David Francisquini

Uma vida inteira entregue à Igreja.

Um testemunho que atravessa gerações.

As páginas deste livro revelam as lutas, consolações, perseguições, graças e vitórias espirituais vividas por um sacerdote que nunca recuou diante dos desafios do apostolado. Pe. David abre sua alma para narrar episódios marcantes:

- conflitos morais e culturais de sua época,
- batalhas pela preservação da liturgia,
- enfrentamentos corajosos em defesa da fé,
- memórias pessoais profundamente humanas.

A leitura comove, instrui e fortalece

Um documento vivo para entender a Igreja no Brasil e o papel do sacerdote nos tempos atuais.

**Um presente ideal
para famílias,
jovens vocacionados,
estudiosos da vida
da Igreja e admiradores
da tradição católica**

- 328 páginas • Formato 14 × 21 cm
- Fotos e documentos históricos
- Produção: **Editora Petrus**



OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO

de R\$ 89,00

por R\$69,00

**Somente nesta
primeira tiragem limitada**



ADQUIRA AGORA MESMO!

 livrariapetrus.com.br

 (11) 3331-4522

 Envio imediato para todo o Brasil



NOBREZA E TRADIÇÃO

NUMA CRISTANDADE VIGOROSA

1

Os fatos históricos contradizem os manuais de ensino, que mostram os nobres de antigamente como soberbos, arrogantes, vaidosos, exploradores dos humildes trabalhadores. Bem ao contrário, toda a sociedade se empenhava em cumprir os preceitos do Divino Salvador, gerando dedicação e estima mútuas entre os nobres e seus servidores, sempre com respeito e familiaridade. O atendimento que atraía tantos deles ao solar de Mme de Chalais, na França, foi imortalizado por seu neto, o nobre diplomata Talleyrand (1754-1836):

“Mme de Chalais era uma pessoa muito distinta. Seu espírito, sua linguagem, a nobreza de suas maneiras, o som de sua voz, tinham grande encanto. Ela mantinha o chamado *espírito de Mortemart* (era este o nome de sua família).

“O tempo que passei em Chalais causou-me profunda impressão. O respeito devido à dignidade, nessas províncias distantes da capital, regravava as relações dos antigos grandes senhores, ainda residentes em seus castelos, com a nobreza de uma ordem inferior e com os habitantes de suas terras. A pessoa mais importante da província ter-se-ia por aviltada, se não fosse polida e benfazeja. Seus distintos vizinhos considerariam faltar a si mesmos, se não tivessem pelos seus antigos nomes de família uma consideração e respeito que, expressos com liberdades decentes, eram uma homenagem do coração. Sempre que viam seus senhores, os camponeses recebiam deles socorros e palavras encorajadoras.

“Alguns velhos senhores, terminada sua carreira de corte, sentiam prazer em retirar-se para as províncias que tinham contemplado a grandeza de sua família. Aí, de volta aos seus domínios, gozavam de uma autoridade de afeição, aumentada e aureolada pelas tradições da província e pela recordação daquilo que tinham sido seus antepassados. Dessa espécie de consideração jorrava certa importância sobre os que mais proximamente se sentiam objeto de seus favores.

“Chalais era um dos castelos daquele tempo saudoso e querido. Muitos gentis-homens de velha estirpe formavam para minha avó uma espécie de corte. Tinham gosto em acompanhá-la todos os domingos à missa paroquial, desempenhando cada um funções que a alta polidez enobrecia.

“Terminada a missa, nos dirigíamos para uma ampla sala do castelo, chamada butique, onde estavam os vidros contendo unguentos diversos, cujas receitas a velha residência conservava desde tempos imemoriais. Eram sempre renovados, pela solicitude do boticário e o desvelo do

pároco do lugar. Havia também garrafas de elixir, xaropes e caixas contendo outros medicamentos. Os armários guardavam provisão considerável de chumaços, grande número de rolos de ligaduras preparadas com velha roupa branca muito fina.

“Na sala que precedia a butique, esperavam reunidos todos os doentes que vinham procurar socorros. Nós passávamos por eles e os saudávamos. A camareira de minha avó fazia-os entrar um após outro, e minha avó os recebia numa poltrona de veludo, tendo diante de si uma mesa negra de velha laca. Por direito, eu me colocava junto à poltrona da princesa.

“Duas irmãs de caridade indagavam de cada enfermo suas moléstias ou suas feridas, em seguida diziam quais os unguentos que podiam curá-los ou aliviá-los. Então minha avó designava o lugar em que eles se encontravam, e um dos gentis-homens que a acompanhara à missa ia buscá-los. Outro trazia a gaveta com as ataduras. Eu pegava um maço, passava-o a minha avó, e ela mesma cortava as bandas e compressas de que necessitava.

“Os doentes levavam para casa ervas para chá, vinho, remédios e alguns outros confortos. Mas o mais tocante eram as bondosas palavras da boa dama, que os socorria em suas necessidades e se apiedava de seus sofrimentos. Os melhores remédios receitados por médicos de grande fama, ainda que distribuídos também gratuitamente, não conseguiriam reunir tantos indigentes. Sobretudo não lhes proporcionariam tão grande bem, pois lhes faltariam efeitos morais — obsequiosidade, respeito, fé e gratidão — que facilitam a cura do povo.

“As lembranças do que vi e ouvi nesses primeiros alhores de minha vida são para mim de uma doçura extrema. Repetiam-me cada dia: ‘Desde sempre o vosso nome é objeto de veneração nesta terra’. Outro dizia-me afetuosamente: ‘Nossa família sempre esteve ligada a alguém de vossa casa. A terra que nós temos, foi de vosso avô que a recebemos. Foi ele quem construiu a nossa igreja. A cruz de minha mãe foi presente de Madame. As boas estirpes não degeneram’.

“Foi em Chalais, junto de minha avó, que sorvi todos os bons sentimentos: elevação sem orgulho — ternura sem familiaridade — respeito — afeto. Há uma herança de sentimentos que cresce de geração em geração.”



A miséria torna isolado e desconhecido aquele sobre o qual ela se abate. Mas o bem é difusivo por si mesmo, e através de relações cordiais os grandes conheciam muitas



dessas misérias anônimas. Pelas mãos delicadas da esposa e das filhas, aliviavam misérias que talvez ficassem ignoradas e sem remédio.



Numa viagem ao interior de Minas, D. Pedro II observou no meio de uma multidão compacta uma negra fazendo grande esforço para se aproximar. As pessoas procuravam impedi-la, mas o Imperador ordenou que a deixassem aproximar-se, e ela se apresentou:

— Meu senhor, eu sou Eva, uma escrava fugida, e venho pedir a Vossa Majestade a minha liberdade.

O imperador mandou tomar as notas necessárias, e prometeu dar-lhe a liberdade quando regressasse. Entregou-lhe então o documento de alforria.

Algum tempo depois, indo a uma janela do palácio de São Cristóvão, no Rio, viu que um guarda tentava impedir a entrada de uma preta velha. Reconheceu Eva imediatamente, e ordenou:

— Entre aqui, Eva!

Ela precipitou-se porta adentro, para retribuir sua alforria com um saco de abacaxis da roça que plantara depois de liberta.



O grão-duque russo Paulo, que se tornaria depois o czar Paulo I, viajou incógnito pela França e foi atendido numa hospedaria por uma jovem bela e inteligente. A esposa do grão-duque perguntou à jovem:

— Qual é o teu nome, minha querida?

— Madame, eu me chamo Jeanne, mas as pessoas me conhecem por *Javotte* (faladeira), porque acham que eu falo muito.

— Ah, então você gosta de conversar! Não quer conversar um pouco conosco?

— Com prazer, se a senhora o deseja.

— Você não é tímida? — perguntou o grão-duque.

— Não tenho acanhamento em relação ao senhor. Sei que sois um grande príncipe, tão rico quanto um rei, mas tendes a aparência de bondoso, e eu não teria em relação ao senhor o medo que tenho dos tenentes do Royal-Lorraine.

— Muito bem, *Javotte*! Já que você tem de mim essa boa impressão, pergunto-lhe o que posso fazer por você.

— Ora, senhor... Eu não sei...

— Não sabe? Pense em alguma coisa.

Ela se pôs a sorrir com um sorriso encantador, e disse:

— Ah, eu o sei muito bem, mas...

— Você quer que a ajude?

— É bem isso, se puderes.

— Acho que já estou entendendo. Então responda-me francamente: você está noiva e quer se casar?

A face da jovem enrubescceu, e ela confirmou:

— Isso é bem verdade, senhor.

— Como se chama o seu noivo?

— Bastien Raulé, para vos servir.

— Qual a profissão dele?

— Talhador de pedras, senhor. É um bom emprego, mas bastante cansativo, e o deixa todo empoeirado.

— E por que vocês não se casam?

— Chegastes à grande dificuldade, senhor, pois nos falta o dinheiro. Ele não é rico e eu tenho um salário de dez escudos por ano.

— Então é só por isso que não se casam?

— Apenas por isso, senhor. Até que ele gostaria muito, e eu também.

— Ele é um rapaz bonito?

— Ah, quanto a isso, senhor, eu posso assegurar. Quando ele está bem lavado e bem vestido, é mais belo que qualquer oficial do Royal-Lorraine.

— E quanto lhes falta para poderem casar?

— Muito dinheiro, senhor, mais do que poderíeis dispor neste momento.

— Quanto seria isso?

— Ainda precisamos de... cem escudos, senhor.

Querendo deixar à esposa o prazer da generosidade, o grão-duque lhe fez um sinal, e ela chamou:

— Venha cá, *Javotte*, e estenda o seu avental.

Tendo a jovem obedecido, ela abriu a bolsa e colocou cem escudos de ouro no avental. A alegria e o espanto foram tão grandes, que ela exclamou:

— Meu Deus! Será que estou sonhando?!

Sem se preocupar com as moedas, que caíram ao chão, ela se ajoelhou e tomou a fimbria do vestido da grã-duquesa, osculando-o com lágrimas nos olhos.

No dia seguinte, com o noivo endomingado, ela o apresentou ao casal, manifestando a mais sincera e comovida gratidão.



Adquira o livro

“A volta ao mundo da Nobreza”

fonte deste artigo.





SANTO ODILON

Um dos grandes abades santos de Cluny, Santo Odilon desempenhou importante papel para o esplendor da Idade Média. Papas, imperadores e reis o consultavam como a um oráculo. Governou a abadia de Cluny por mais de meio século, consolidou sua fundação e a levou ao apogeu.

Estátua de Santo Odilon de Cluny na Basílica de Santo Urbano, Troyes (França).



Plínio Maria Solimeo

Guilherme o Piedoso confiou a São Bernon, no ano 910, a fundação de uma abadia em sua propriedade, nos arredores da pequena cidade de Cluny, no Saône-et-Loire, França. Nasceu então a abadia de Cluny, instituição destinada a preponderante papel na reforma religiosa do tempo.

Santo Odon é considerado o fundador, designado por São Bernon para levar esta obra avante, selecionando seus discípulos e formando-os em sua escola. Por mais de um século, Cluny foi dirigida por esses discípulos, que deram origem à série dos “*Santos abades de Cluny*”, a qual começou com o sucessor direto, Beato Aimar, seguido por São Maiolo e Santo Odilon, culminando com São Hugo, que levou Cluny ao seu máximo apogeu. Vamos tratar do terceiro sucessor, Santo Odilon, “*encarnação viva, no seio da Igreja, daquele espírito de reforma que o fez um dos homens mais ilustres do milênio*”¹.

A vida de Santo Odilon foi escrita por São Pedro Damião, cardeal e bispo de Óstia, a pedido de São Hugo, sucessor do santo no governo de Cluny. Os hagiógrafos posteriores baseiam-se nesta hagiografia e na de Lotsaldo, monge de Cluny que conviveu muito tempo com Santo Odilon, acompanhando-o em várias de suas inúmeras viagens.

Milagrosamente curado por Nossa Senhora

Odilon nasceu no ano de 962 no Auverne, França, o terceiro de 10 filhos do ilustre casal Beraldo, senhor de Mercoeur (cuja coragem nas armas, probidade e sinceridade fez a voz do povo acrescentar “o Grande”) e a mãe Gerberge.

Quando muito pequeno, Odilon ficou paralisado das pernas, depois de grave doença que pôs em risco sua vida. Um dia em que seu pai viajava com toda a família, parou para descanso numa pequena aldeia do caminho. A governanta de Odilon deixou-o então em sua pequena cama à entrada da igreja da vila, enquanto foi comprar algo. O menino — então com apenas três anos de idade — vendo-se só, arrastou-se para dentro da igreja. Chegando ao altar de Nossa Senhora, pendurou-se na toalha, tentando levantar-se. Nesse momento sentiu uma força misteriosa que penetrava em seus membros, e pôs-se de pé. Quando a aflita governanta encontrou-o na igreja, ele estava correndo em torno do altar da Virgem. Desde esse momento de recuperação, ele teve particular devoção à sua celeste benfeitora, que manteve até o fim de seus dias.

Mais tarde Odilon gostava de voltar em peregrinação a essa igreja. Em uma dessas ocasiões, fez a Nossa Senhora a seguinte oração: “*Ó benigníssima Virgem Maria! Desde hoje e para sempre me consagro a vosso serviço. Socorrei-me em minhas necessidades, ó poderosíssima medianeira e advogada dos homens! Quanto tenho, dou a Vós, e com gosto me entrego a Vós por inteiro, para ser vosso servo e escravo*”².

Santo Odilon foi, desse modo, um dos primeiros a praticar a sagrada escravidão a Nossa Senhora, que depois São Luís Maria Grignon de Montfort tornaria tão conhecida.

Recebeu a tonsura clerical aos 26 anos, e pouco depois entrou para a Ordem de Cluny, governada então por São Maiolo.

Abade santo, sucedendo a outro santo

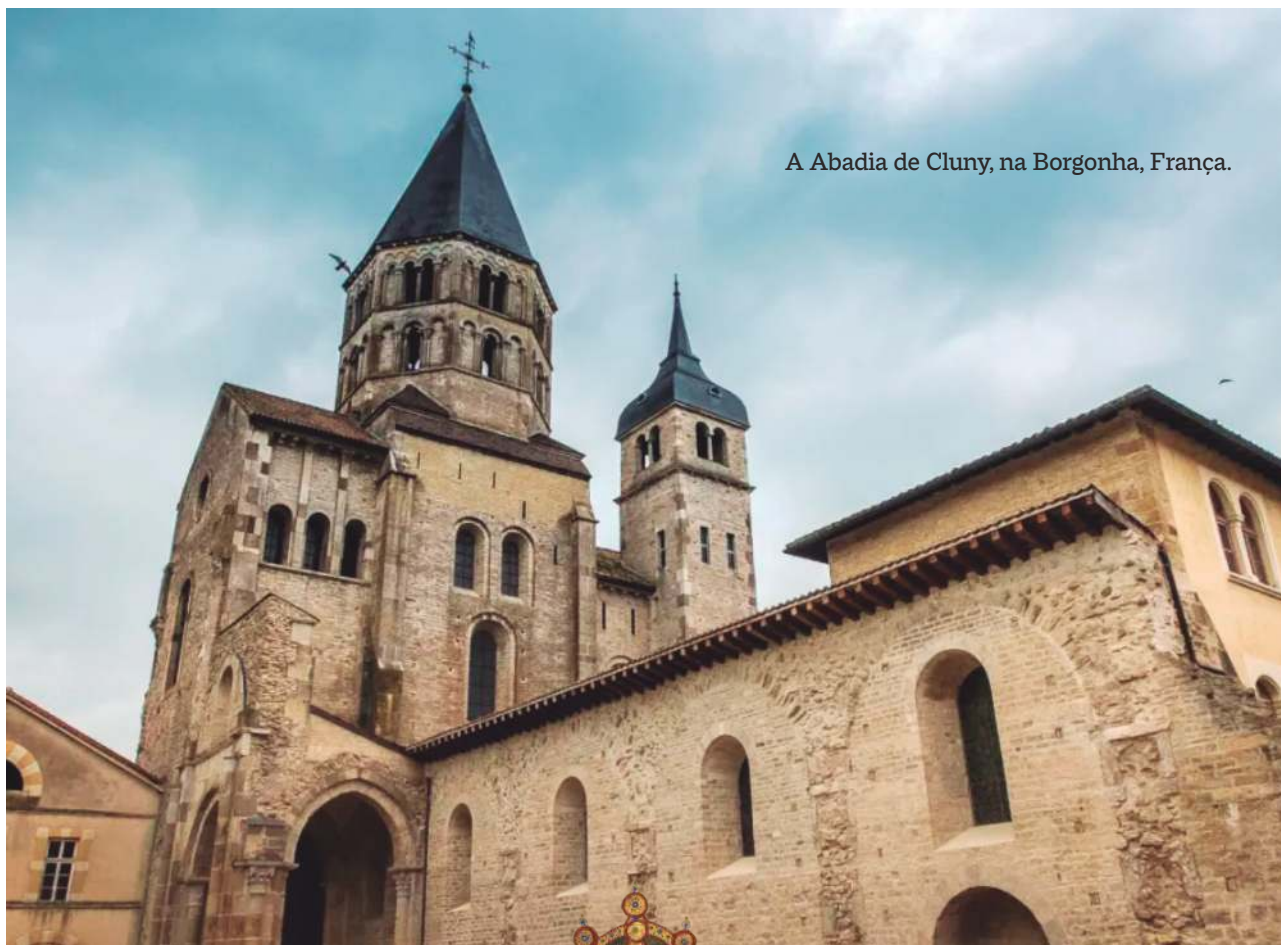
Tal era o fervor de Odilon na vida monástica, que em 991, com apenas um ano de noviciado, foi admitido a professar na Ordem. No mesmo ano São Maiolo o escolheu para seu vigário. E três anos depois, ao adoecer gravemente, nomeou Odilon para seu sucessor, o que foi aprovado unanimemente por todos os monges. Ordenado então sacerdote, apesar de suas resistências, teve que sentar-se no trono abacial.

Os biógrafos do santo assim o descrevem: “*Santo Odilon era magro e pálido, cabelos escuros; seus olhos tinham um brilho prodigioso, quase terrível. O som de sua voz vibrava como um sino longínquo chamando os fiéis à oração. Suas palavras eram ao mesmo tempo doces e fortes, e penetravam os corações*”³. “*Sua alma estava dotada de uma mobilidade extraordinária, na qual se refletia a vivacidade de suas expressões. Tinha uma voz sonora e viril; e quando falava, um relâmpago passava de sua inteligência a seus olhos. Os traços característicos de seu coração eram uma profunda humildade, que o levava a chamar-se o último e mais desprezível dos irmãos de Cluny; e uma doçura inefável, que lhe valeu o nome de ‘Pai muito clemente e misericordioso’*”⁴. Esse santo tão doce e compassivo odiava a adulação e a mentira, e castigava severamente os falsos irmãos. “*Tinha, como diz um poeta, o desprezo do desprezo, o ódio do ódio, e o amor do amor*”⁵.

No governo da Ordem, fez muito pelo seu progresso. Desde o início pôs singular empenho na reforma da regra de São Bento, então seguida por Cluny, estabelecendo como caráter definitivo um código que se chamou “*Costumes de Cluny*”, e que deveria ser seguido pelos inúmeros mosteiros que estavam sob sua jurisdição. “*O rápido desenvolvimento do mosteiro sob suas ordens foi devido principalmente à sua gentileza e caridade, sua atividade e talento para organizar. Ele era um homem de oração e penitência, zeloso pela observância do Ofício Divino e do espírito monástico*”⁶.

Muito solicitado, empreendeu viagens frequentes na França, à Suíça, Alemanha e Itália. E enviou discípulos para as várias províncias da França e da Espanha, para reformarem a vida monástica então decadente.

“*Fino diplomata, com uma diplomacia que brotava do espírito do Evangelho, Odilon colocou em seus empreendimentos toda a força do poder humano. Foi*



A Abadia de Cluny, na Borgonha, França.

auxiliar dos papas, correspondente de quase todos os príncipes de seu tempo, conselheiro dos imperadores”⁷. A imperatriz Santa Adelaide recomendava-se às suas orações.

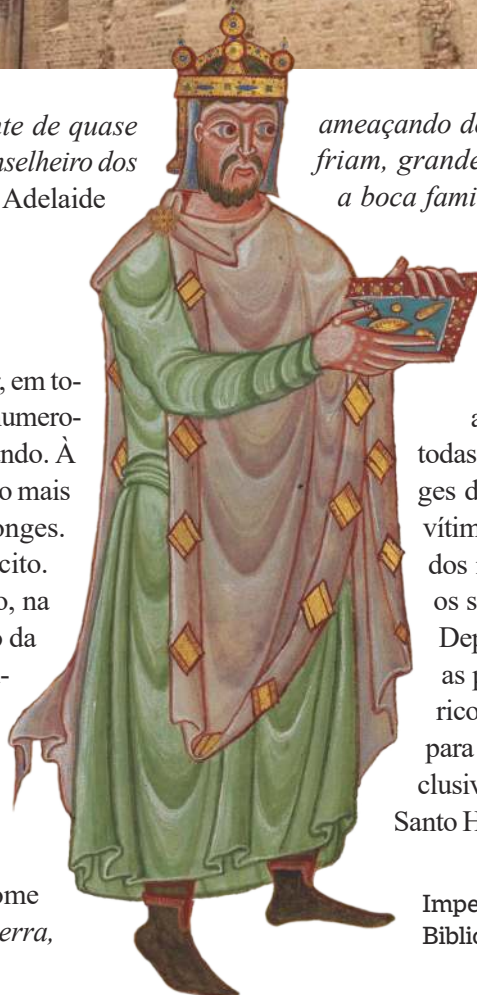
Exército numerosíssimo e compacto

Mas Santo Odilon podia contar, em todas as suas obras, com um exército numerosíssimo e compacto sob o seu comando. À Ordem de Cluny se haviam agregado mais de mil mosteiros com dez mil monges. E ele sabia como utilizar esse exército.

Foi o que ele fez, por exemplo, na grande carestia que assolou o reino da França. Ela começou em 1030 e durou três anos, com as chuvas quase contínuas impedindo a lavoura e os frutos da terra de madurarem. Isso provocou grande miséria e sofrimentos. Uma testemunha da época, Raul Glaber, diz que uma fome horrrosa *“começou a desolar a terra,*

ameaçando destruir o gênero humano. Todos sofriam, grandes e pequenos; todos estavam com a boca faminta e a fronte pálida [...]. Havia os que, para escapar à morte, desenterravam as árvores nos bosques e arrancavam a erva dos rios”⁸.

A Igreja foi então a providência dos infelizes. Os mil mosteiros sob a direção de Odilon estavam abertos a todas as necessidades, e seus dez mil monges dedicaram-se então a socorrer tantas vítimas. Como o mosteiro de Cluny era um dos mais ricos, Santo Odilon usou todos os seus meios para socorrer os famintos. Depois de distribuir entre os pobres todas as provisões do mosteiro, ele vendeu os ricos ornamentos e até os vasos sagrados para remediar às necessidades. Vendeu inclusive uma coroa de ouro que o imperador Santo Henrique havia dado à igreja de Cluny.



Imperador Henrique III, Bremen, Biblioteca Estatal e Universitária.

Como assim mesmo havia ainda necessidade de dinheiro para socorrer os flagelados, ele foi de castelo em castelo, de cidade em cidade, pedindo esmolas para eles⁹.

A “Trégua de Deus”

A época em que viveu Santo Odilon foi muito conturbada. São Pedro Damiano a descreve: *“As guerras são tão numerosas, que a espada envia mais homens ao sepulcro do que a enfermidade. O mundo inteiro parece um mar agitado pela borrasca. As discórdias e as vinganças, como ondas gigantescas, agitam os corações. Mata-se, rouba-se, incendeia-se impunemente, e a terra fica reduzida a uma espantosa esterilidade”*¹⁰.

Por isso Santo Odilon, juntamente com o Beato Ricardo, abade de São Vanes, obtiveram que aqueles medievais belicosos respeitassem uma “trégua de Deus”, isto é, que cessassem toda hostilidade desde a tarde da quarta-feira até a manhã da segunda-feira, por respeito aos dias da semana em que se realizaram os últimos mistérios da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo¹¹.

Um dos maiores méritos de Santo Odilon foi instituir em seus mosteiros um dia de sufrágio para as almas do Purgatório. Todos os mosteiros passaram a aplicar, em seguida à festa de Todos os Santos, orações e penitências em favor dessas benditas almas que padecem nesse lugar de purificação. A Igreja estendeu essa prática a toda a Cristandade.

Santo Odilon faleceu no dia 1º de janeiro de 1049, aos 87 anos, dos quais passara 26 no mundo, 5 no claustro e 56 como superior da Ordem de Cluny.

No ano de 1069 abriu-se seu túmulo, e seu corpo foi encontrado incorrupto. Durante a nefanda Revolução Francesa, seus restos mortais foram queimados, junto com as preciosas relíquias da abadia de Souvigny, onde ele havia sido sepultado. ✠

Notas:

1. Fr. Justo Pérez de Urbel, O.S.B., *Año Cristiano*, Ediciones Fax, Madri, 1945, tomo I, p. 17.
2. Edelvives, *El Santo de Cada Día*, Editorial Luis Vives, S.A., Saragoça, 1946, tomo I, p. 12.
3. Les Petits Bollandistes, *Vies des Saints*, Bloudet Barral, Libraires-Éditeurs, Paris, 1882, tomo I, p. 40.
4. Urbel, op. cit. p. 18.
5. Id. Ib.
6. Klemens Löfler, *Saint Odilo*, The Catholic Encyclopedia, CD Rom edition.
7. Urbel, id. Ib.
8. Id. Ib.
9. Cfr. Les Petits Bollandistes, op. cit. pp. 34-35.
10. Urbel, op. cit. p. 19.
11. Cfr. Les Petits Bollandistes, op. cit. p. 41.

“Miscellanea secundum usum Ordinis Cluniacensis”
(Biblioteca Nacional de França, Departamento de Manuscritos).



Igreja Abacial de Souvigny, túmulos de São Mayeul e Santo Odilon.

Um novo pontificado ainda à sombra do anterior?



José Antonio Ureta

Em artigo recente para o portal *Religión Digital*, José Manuel Vidal comparou os Papas Francisco e Leão XIV a um furacão e a uma garoa. A imagem é feliz, ao menos quanto ao impulso inicial que cada um deu ao pontificado já no primeiro ano.

O Papa Francisco marcou o terreno desde o primeiro momento. Não apenas com gestos de impacto: recusar o Palácio Apostólico; viajar a Lampedusa para encontrar imigrantes ilegais; e lançar ao mundo a frase sobre os homossexuais, que se tornaria a assinatura de seu pontificado: “*Quem sou eu para julgar?*”.

Também tomou decisões estruturantes. Um mês após sua eleição, já criava um grupo de cardeais para estudar a reforma da Cúria; em junho e julho, instituía comissões para revisar a administração econômica do Vaticano; no fim do verão, nomeava o futuro Cardeal Pietro Parolin Secretário de Estado; em setembro, colocava o Arcebispo Beniamino Stella à frente da Congregação para o Clero, e o Arcebispo Lorenzo Baldisseri no Secretariado do Sínodo, ambos substituindo perfis conservadores e elevados ao cardinalato pouco depois; e, logo a seguir, no início de outubro, convocava a III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo para a Família, com a clara intenção de abrir caminho à plena integração sacramental dos divorciados recasados, proposta defendida pelo cardeal ultraprogressista Walter Kasper, que ele já havia posto ao seu lado e elogiado publicamente desde o seu primeiro *Angelus*.

Parecia consciente de que precisava correr para impor a “mudança de paradigma” e moldar a Igreja logo de saída, antes que a resistência se consolidasse. No fim, porém, apesar da extensão

Cerimônia pública de bênção de “casais” do mesmo sexo é realizada por padres católicos em frente da Catedral de Colônia, na Alemanha.



das rupturas que promoveu, não conseguiu completar sua agenda reformista e acabou provocando uma frente de oposição ampla, dividindo e polarizando a Igreja como nunca.

Nada semelhante está ocorrendo com Leão XIV. O turbilhão ‘bergogliano’, que ao final exauria até os colaboradores mais próximos, deu lugar à garoa ‘prevostiana’, capaz de acalmar os ânimos, embora ainda sem dar um rumo próprio ao novo pontificado. Nos pontos decisivos reina a continuidade com o anterior; o que muda é sobretudo o estilo mais sóbrio, mais religioso, mais atento ao decoro, que deve cercar o ocupante do Trono de Pedro.

Há quem espere que Leão XIV finalmente saia da sombra de Francisco e comece a imprimir seu próprio brilho após o Consistório de cardeais, marcado para 7 e 8 de janeiro. Este é também o anseio desta folha, após um ano marcado, para os católicos de orientação tradicional, por uma mistura de esperanças e frustrações, cuja síntese apresentamos a seguir. Limitamo-nos aqui à mudança de pontificado, deixando de lado evoluções relevantes no mundo católico (como a intensificação da perseguição aos cristãos), porque a direção indicada por Roma exerce influência decisiva também sobre as realidades mais locais.

Últimos estertores de uma revolução abortada

Quando o Papa Francisco recusou os dois pedidos centrais do Sínodo da Amazônia (ordenar homens casados e criar um ministério feminino análogo ao diaconato), o historiador Massimo Faggioli concluiu que o pontificado perdera o ímpeto. Para evitar essa interpretação, lançou-se ao Sínodo mundial sobre a sinodalidade, esperando obter dos “fiéis de base” o apoio às reformas progressistas. Mas a 2ª sessão sinodal de 2024, em Roma, terminou com um documento que nada avançava nos temas mais polêmicos (celibato sacerdotal, diaconato feminino, democratização e acolhimento da homossexualidade), sobretudo porque ele já retirara das discussões esses assuntos e os remetera a comissões paralelas.

Temendo um retrocesso após sua morte, convocou em dezembro um consistório extraordinário, criando 21 cardeais progressistas para influenciar o futuro Conclave. Na virada do ano, reforçou seu legado com medidas inéditas: nomeou a Irmã Simone Brambilla prefeita do Dicastério para a Vida Consagrada, embora o cargo exija jurisdição reservada aos clérigos (esta contradição foi driblada ao colocar um cardeal como seu pro-prefeito).

Em seguida designou a Irmã Raffaelli Petrini para chefiar a Governadoria do Estado do Vaticano, depois de alterar a Lei Fundamental que reservava a função aos cardeais. Pouco antes havia aplicado pessoalmente outra inovação de cunho feminista, ao incluir 23 mulheres vindas dos quatro cantos do mundo como Leitoras, numa celebração em São Pedro.

Essas iniciativas progressistas tiveram seu contraponto em medidas simultâneas contra realidades conservadoras: a renúncia forçada de Dom Dominique Rey, cuja diocese era um foco de vitalidade e de apostolado em moldes clássicos, com abertura para o mundo tradicionalista; a dissolução do Sodalício de Vida Cristiana, um movimento conservador peruano danificado pelos abusos de seu fundador; visita apostólica ao Instituto do Verbo Encarnado, presente nos cinco continentes, e particularmente em zonas perigosas para os católicos.

Enquanto isso, defensores do diaconato feminino, da “inclusão radical” dos homossexuais e da imigração irrestrita foram promovidos, como o cardeal Robert McElroy, transferido de San Diego para Washington no exato momento em que Donald Trump assumia a presidência dos EUA.

Um último livro autobiográfico para a posteridade

Na primeira autobiografia publicada por um Papa, sob o título *Esperança – A autobiografia*, o Papa Francisco reuniu com a colaboração de Carlo Musso depoimentos concedidos entre 2019 e 2024. A obra deveria ser divulgada apenas como legado póstumo, mas o Jubileu de 2025 o levou a antecipar seu lançamento. Mais que um relato de vida, trata-se de uma síntese dos pontos centrais do pontificado, apresentando a trajetória de Jorge Mario Bergoglio como símbolo da “esperança”, tema escolhido por ele para o Jubileu.

O livro foi recebido com entusiasmo pelo ‘lobby’ pró-homossexual, sobretudo após o Papa afirmar, evocando a hostilidade dirigida à *Fiducia Supplicans*: “*É estranho que ninguém se preocupe com a bênção de um empresário que explora as pessoas (e isso é um pecado grave) ou com alguém que polui nossa casa comum, enquanto há um escândalo público se o papa abençoa uma mulher divorciada ou um homossexual*”.



Doença e morte do Papa Francisco

Apesar da declaração tranquilizadora do cardeal Blase Cupich no início do ano (“*O Papa Francisco está fisicamente bem, mentalmente lúcido e espiritualmente muito forte*”), desde muito sua saúde estava fragilizada. A infecção pulmonar de março de 2023 se tornara crônica, e ele nunca se cuidou devidamente: não tinha médico pessoal, ignorava orientações clínicas e tornara-se visivelmente irritadíssimo, desfazendo a imagem do “papa simpático”. Em fevereiro de 2025 sua condição agravou-se

rapidamente: internação por infecção respiratória, evolução para pneumonia dupla, bronquiectasia e bronquite asmática; um bronco-espasmo severo em 28 de fevereiro quase lhe tirou a vida. Após 38 dias de hospital, recebeu alta com recomendação de dois meses de isolamento.

Ele ignorou as instruções e retomou audiências. Mesmo debilitado, Francisco reapareceu em público em 6 de abril e manteve compromissos na Semana Santa, por vezes aparentando desorientação. Em 10 de abril, surgiu de forma inesperada na Basílica de São Pedro, em cadeira de rodas, sem veste clerical, usando camiseta branca de mangas compridas, calças pretas, cobertor nos ombros e cânulas de oxigênio. Talvez uma tentativa de mostrar recuperação e desmentir rumores de renúncia, agravados por boatos sobre mudanças nas regras da sede vacante, que o Cardeal Gianfranco Ghirlanda precisou negar oficialmente. A repercussão foi

desastrosa. Aldo Maria Valli, que se recusou a publicar a imagem, comentou: *“No momento em que se torna Pedro, não pode pisotear essa dignidade. João Paulo II esteve doente por muito tempo, mas nunca apareceu em público sem salvaguardar a dignidade de Pedro”*.

Apenas algumas horas após as celebrações pascais, às 9h45 de 21 de abril, a sala de imprensa convocou uma transmissão extraordinária. Pelos semblantes dos quatro prelados, percebeu-se imediatamente qual seria o anúncio: o Papa Francisco havia morrido.

Balanço negativo de um pontificado desastroso

Entre os primeiros a deplorar o falecimento do Papa Francisco esteve a *Gran Loggia d'Italia*, para a qual sua obra *“se caracterizou por uma profunda ressonância com os princípios da Maçonaria”*, sobretudo pela *“encíclica Fratelli tutti [que] representa um manifesto”* dos valores de *“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”*. Também significativa foi a homenagem de Marianne Duddy-Burke, diretora executiva da *Dignity USA*, que escreveu na *The Advocate*: *“Durante o pontificado de Francisco, as pessoas LGBTQ+, nossas preocupações, necessidades e dons passaram a fazer parte da corrente principal da Igreja. Este é o legado duradouro de Francisco para nossa comunidade.”*

Em contraste, diversos nomes destacados do mundo católico sublinharam aspectos negativos dos 12 anos do primeiro papa jesuíta. Para o Prof. Roberto de Mattei, a característica mais revolucionária de seu pontificado foi a sucessão de palavras e ações que transformaram a percepção pública do Primado de Pedro, secularizando-o e enfraquecendo-o: *“O Papa Francisco substituiu o simbolismo sagrado por um simbolismo midiático. Alguns dizem que ‘humanizou’ o Papado, mas na realidade ele o banalizou e secularizou. A instituição do*

Papado é o que foi degradado por esses e inúmeros outros gestos”.

Dom Georg Gänswein, ex-Prefeito da Casa Pontifícia, lamentou seu estilo autoritário: *“A confusão dos últimos anos precisa ser superada. As instituições da Igreja não são uma lepra nem uma ameaça ao Papa.*

Percebo certo alívio generalizado. A era da arbitrariedade acabou”.

Outros analistas apontaram contradições internas do pontificado. O historiador Giovanni Maria Gian, ex-diretor do *Osservatore Romano*, destacou que o Papa Francisco *“tem sido um papa contraditório, disse coisas muito diferentes, levando o absolutismo papal ao extremo”*. Quanto aos abusos, acrescentou: *“Por um lado ele abraçou o legado de Bento XVI, mas por outro lado houve casos como o [do abusador jesuíta Pe. Marko] Rupnick, o que demonstra que o Papa Francisco não tem sido consistente”*.

Balanço doutrinário de um pontificado de ruptura

Numa palestra em Cambridge, intitulada *“A Revolução da Misericórdia do Papa Francisco: Amoris Laetitia como um Novo Paradigma da Catolicidade”*, o Cardeal Blaise Cupich afirmou que dita exortação inaugurou um “novo paradigma” na compreensão e no exercício do ministério eclesial, sobretudo na pastoral familiar. Nesse modelo, o acompanhamento misericordioso substitui a apresentação de um *“conjunto abstrato de verdades”*, constituindo uma mudança profunda — até *“revolucionária”* — pela qual a práxis pastoral orienta o desenvolvimento doutrinário, reinterpretando o matrimônio à luz da experiência dos casais e da misericórdia divina, erigida à condição de chave hermenêutica do estilo de catolicidade proposto por Francisco.

Com efeito, a misericórdia foi o núcleo do pontificado do Papa jesuíta, apresentada como centro de sua teologia e de suas reformas. Essa ênfase, porém, reduziu



Dom Georg Gänswein,
ex-Prefeito da Casa Pontifícia.

unilateralmente Jesus Cristo a símbolo de compaixão e inclusão, obscurecendo sua pregação da Verdade que cura por meio de uma conversão dos corações. A misericórdia é descrita como inteiramente gratuita, sem sublinhar a necessidade da resposta humana — em contraste com o ensinamento agostiniano “*Quem te criou sem ti, não te salvará sem ti*” — e, de outro lado, dá prioridade ao atendimento de misérias materiais, enquanto o pecado, ruptura com Deus, quase desaparece de sua pregação. Essa misericórdia unilateral tornou-se ainda princípio ecumênico, em nome de uma fraternidade comum a outras religiões, deslocando o cristianismo de “Verdade que salva” para mero espaço de “diálogo voltado à paz”.

A prioridade na missão da Igreja deixou de ser a salvação eterna para tornar-se a transformação socioeconômica e cultural da humanidade. Assim a doutrina perdeu estabilidade, convertendo-se em inspiração flexível: Francisco repetia que a doutrina não deve ser “*pedras a serem atiradas*” da cátedra sobre os pecadores. Essa caricatura da misericórdia encontrou seu ápice na *Fiducia Supplicans*, que legitimou bênçãos supostamente não rituais de pseudo-casais do mesmo sexo.

Interpelado por dois conjuntos sucessivos de *dubia* — relativos aos documentos *Amoris Laetitia* e *Fiducia Supplicans* —, o Papa Francisco evitou responder, pois isso evidenciaria que pontos centrais de sua doutrina se afastam do Magistério perene. Após o primeiro *dubium*, 62 acadêmicos publicaram uma *Correctio filialis de erroribus propagatis*, evocando uma suspeita de heresia em sete questões capitais, como: a negação de que a graça seja sempre suficiente para evitar o pecado grave; a suposta liceidade de violar conscientemente uma lei divina; e a afirmação de que a lei divina e natural não proíbe absolutamente certos atos objetivamente graves.

Para dissipar a confusão criada por esses textos e

outras atitudes chocantes, Dom Athanasius Schneider publicou uma *Profissão de Fé*, reafirmando que não se pode ensinar que todas as religiões sejam caminhos para Deus; nem que sua diversidade seja vontade do Criador, em contraste com o texto conjunto católico-muçulmano assinado em Abu Dhabi com o reitor da Universidade do Cairo, assim como as declarações que fez em Cingapura.



Dom Athanasius Schneider

Foi Francisco um Papa realmente popular?

Nenhum pontífice recebeu tanta condescendência da mídia e dos “grandes” deste mundo quanto o Papa Francisco, cuja agenda revolucionária foi amplamente apoiada, apesar de escândalos como a proteção ao bispo argentino Gustavo Zanchetta e ao sacerdote artista Marko Rupnik. Esse respaldo assegurou-lhe o apoio da esquerda laica e da minoria progressista da Igreja, mas não conquistou a maioria dos católicos, especialmente os mais praticantes.

São eloquentes os dados divulgados pela Casa Pontificia dois dias após o funeral: a participação dos fiéis em eventos papais despencou durante o pontificado. Em 2013, mais de 7,3 milhões de pessoas foram a Roma para vê-lo; em 2014 o número caiu para 5,9 milhões; e em 2015, para 3,2 milhões. Após um breve respiro em 2016, a queda continuou até 2019, quando ficou abaixo de 2,5 milhões. Depois da pandemia, retomou esse nível reduzido. Em 2024, só 1,6 milhão em audiências, liturgias e *Angelus* — quase 6 milhões a menos do que no início do pontificado, revelando forte perda de interesse do rebanho por seu estilo pastoral.

Esse afastamento refletiu-se dramaticamente nas finanças do Vaticano, com queda acentuada de doadores e do volume das doações. Antes de ser hospitalizado, Francisco reuniu cardeais para tentar impor cortes na Cúria e buscar empréstimos externos, o que levou à



Os primeiros gestos de Leão XIV causaram excelente impressão, ao unir solenidade tradicional e profundidade espiritual.

criação de uma Comissão de Donativos para a Santa Sé. Ela acaba de ser dissolvida pelo novo Papa, em parte porque os católicos — especialmente as grandes fundações leigas norte-americanas — voltaram a contribuir generosamente para o Óbolo de São Pedro.

Cerimoniais durante a sede vacante atraem atenção do público

Apesar das análises da mídia anticatólica que anunciavam o declínio irreversível da Igreja — queda da prática religiosa, vocações em baixa, crise financeira e divisões agravadas pelo “populismo modernizante” do Papa Francisco —, os acontecimentos após sua morte mostraram que as brasas ainda ardem sob as cinzas. A presença de mais de 100 chefes de Estado, 1.500 jornalistas e a atenção mundial ao Conclave mostraram uma vez mais que Igreja Católica continua sendo o centro do mundo. Como observou José Andrés Rojo no *El País*: *“Qualquer profano que se assome a este processo fica deslumbrado pelos protocolos. Os líderes da nova ordem foram correndo ao Vaticano, não por suas homilias, mas por seus esplêndidos cerimoniais”*.

Prevvia-se um Conclave longo, pela dificuldade de encontrar um candidato que reunisse os 2/3 necessários em um colégio geograficamente heterogêneo, profundamente dividido entre os partidários da “mudança de paradigma” bergogliana e a minoria dos que viam nessas aberturas ao mundo uma traição ao Evangelho. Seria uma divisão tão séria, que alguns chegaram a falar em possível cisma.

Contra todas as expectativas, porém, o Conclave encerrou-se em apenas quatro escrutínios: no terceiro, o Cardeal Robert Vincent Prevost quase atingira a maioria qualificada. A eleição de um religioso nascido nos Estados Unidos frustrou os *bookmakers*, os defensores da continuidade bergogliana e da desocidentalização da Igreja. Aparentemente movidos pela prudência, pelo desejo de reunificar uma Igreja polarizada e de oferecer liderança num mundo instável, os cardeais escolheram uma figura pouco conhecida, mas que correspondia ao ideal delineado pelo Cardeal Timothy Dolan: alguém *“com o vigor de João Paulo II, a capacidade intelectual de Bento e o coração do Papa Francisco”*.

Mudança de estilo que agrada à maioria silenciosa

Os primeiros gestos de Leão XIV causaram excelente impressão, ao unir solenidade tradicional e profundidade espiritual. Sua aparição no balcão — com *mozzetta*, estola bordada e um discurso centrado em Jesus Cristo, com uma invocação final a Nossa Senhora — foi vista como o retorno à dignidade pontifícia e à continuidade com a Tradição. Seu primeiro sermão na Capela Sixtina, denunciando o “ateísmo prático” e a visão mundana de Jesus, reforçou a sensação de que a Igreja recuperava gravidade e direção.

A mudança de estilo também impressionou: a projetada volta ao Palácio Apostólico, as férias em Castel Gandolfo e o restabelecimento de gestos tradicionais —

do latim e do gregoriano à procissão de *Corpus Christi* pelas ruas de Roma — foram percebidos como sinais de apreço pela solenidade e pelas devoções tradicionais. A aceitação benevolente das honras devidas ao Papa reforçou essa impressão, bem como o entusiasmo de instituições como a Ordem de Malta, cujos membros retomaram seus esplêndidos uniformes ao se apresentarem para a primeira audiência. O editor Eric Sammons sintetizou esse sentimento no artigo “A importância de um verniz”: “*Um papa que pratica publicamente a fé de maneira tradicional é algo bom de qualquer forma, mesmo que seja só uma aparência*”. Pois, como explicou, “*práticas como [a missa] ad orientem e a Comunhão na boca ensinam os fiéis a abraçar os ensinamentos da Igreja*”. O mesmo ocorre com o ministério petrino exercido dignamente.

A esperança de mudança aumentou com declarações de tom tradicional — exortações à coerência dos políticos, defesa da família e crítica à idolatria da terra — e com gestos como permitir uma missa pontifical tradicional, celebrada pelo Cardeal Raymond Burke no altar da Cátedra na Basílica de São Pedro; e, como anunciado pelo Núncio em Londres, por encorajar dispensas para manter a liturgia tradicional nas paróquias, contrariando *Traditionis Custodes*.

Densas sombras no quadro...

A boa impressão inicial começou a obscurecer-se quando Leão XIV adotou gestos e decisões que pareciam prolongar a agenda revolucionária do pontificado anterior. Não eram apenas referências protocolares, mas escolhas concretas que levaram alguns a perguntar se ele se via como sucessor de Pedro ou de seu antecessor imediato.

Entre os primeiros sinais inquietantes estiveram as audiências com a Irmã Lúcia Caram, freira argentina pró-aborto, e o jesuíta norte-americano James Martin, promotor da aceitação da homossexualidade na Igreja. Pouco depois, pela entrada triunfal de centenas de militantes pró-homossexuais pela Porta Jubilar, com

uma grande cruz arco-íris, além de sua afirmação em entrevista de que, “*por enquanto*”, não haveria mudança doutrinal sobre a homossexualidade.

A preocupação motivou os discípulos de Plínio Corrêa de Oliveira a publicar uma “Súplica filial e apreensiva”, pedindo reafirmação da doutrina e a revogação da nota *Fiducia Supplicans* e da interpretação oficial heterodoxa de *Amoris Laetitia*.

A inquietação cresceu com decisões difíceis de conciliar com o estilo conservador inicial: a nomeação, para a Academia Pontificia das Artes, de uma curadora de exposições pornográficas; a escolha de um militante homossexual, “casado” e “pai” por adoção, para o restaurante do Borgo *Laudato Si*, em Castel Gandolfo. Na defesa da vida, sombras ainda mais densas: o novo presidente da Pontificia

Academia para a Vida defendeu uma lei de eutanásia em nome do consenso pluralista, e o próprio Leão XIV apoiou o arcebispo de Chicago por homenagear o senador mais pró-aborto dos EUA, proibido de comungar em sua diocese de origem.

No plano social, o novo Papa retomou sob seu nome o documento *Dilexi te*, sobre a pobreza, iniciado no pontificado anterior. Um analista espanhol progressista celebrou a continuidade: “*Tem cheiro de Francisco, tem sabor de Francisco, é Francisco*”. Embora essa seja uma avaliação um tanto exagerada (o texto contém ênfases mais tradicionais, como a caridade e a esmola), permanece evidente a forte linha de continuidade com o enfoque populista de Jorge Mario Bergoglio.



Cardeal Raymond Burke celebra missa pontifical tradicional no altar da Cátedra, na Basílica de São Pedro.

O escândalo da manutenção do acordo secreto com a China

Um dos sinais mais desconcertantes de continuidade foi a permanência até hoje do Cardeal Pietro Parolin à frente da Secretaria de Estado, apesar de ser o principal promotor do acordo secreto com o regime chinês sobre a nomeação de bispos; e de sua pertinácia em renová-lo, ainda sob Francisco, mesmo após ficar evidente que as autoridades do Partido Comunista não respeitam nem mesmo o que teria sido pactuado.

Durante a sede vacante, dois atos unilaterais expuseram essa violação. Em 28 de abril, o padre Wu Jianlin, vigário-geral de Xangai, foi eleito bispo auxiliar por uma assembleia de sacerdotes locais; no dia seguinte o padre Li Jianlin foi nomeado bispo de Xinxiang, embora essa diocese já possua um bispo legitimado por Roma. Ambos, como todos os prelados reconhecidos oficialmente na China, devem jurar fidelidade à Constituição, aderir à “sinização” do catolicismo e colaborar com a “construção socialista” e o “renascimento nacional”.

Recentemente Xi Jinping reiterou que, para o Partido Comunista Chinês, “sinização” significa *“orientar ativamente as religiões para que se adaptem à sociedade socialista”*. Isso não é opcional: doutrinas, regras, estruturas de governo, rituais e costumes religiosos devem refletir as *“características chinesas”* e atender às *“exigências da época”*.

Além de reconhecer esses bispos nomeados unilateralmente, Leão XIV fez algo ainda mais grave: decidiu aprovar a supressão feita pelo regime chinês das dioceses de Xuanhua e Xiwanzi — estabelecidas por Pio XII em 1946 — para criar a nova diocese de

Zhangjiakou. A reconfiguração, que reproduz a divisão administrativa do Estado chinês, tem sido criticada por equivaler a uma legitimação eclesiástica de estruturas criadas pelo Partido Comunista e por reforçar o controle político sobre a vida da Igreja.



Xi Jinping reiterou que, para o Partido Comunista Chinês, “sinização” significa “orientar ativamente as religiões para que se adaptem à sociedade socialista”.

Sinodalidade, o suposto antídoto para a polarização

A sinodalidade tornou-se um dos pontos em que mais se espera uma definição clara de Leão XIV. Desde os anos 1940, uma “democratização” da Igreja era apontada por Plínio Corrêa de Oliveira como um risco, cuja intenção seria dissolver a autoridade divinamente instituída da Hierarquia, em favor de um protagonismo laical incompatível com a estrutura tradicional. Sob o Papa Francisco essa tendência ganhou expressão na imagem da “pirâmide invertida”, em que bispos e padres deveriam “escutar” os desejos das bases, sobretudo das periferias, moldando depois a pastoral e até a doutrina segundo tais aspirações. A sinodalidade, ampla e imprecisa, seria assim o instrumento para substituir a orientação dos pastores pelos

“anseios do povo”.

Quando estava ainda internado na clínica Gemelli, o Papa Francisco convocou uma Assembleia Eclesial para 2028, nos moldes do encontro latino-americano de 2021, em que os bispos foram reduzidos a minoria perante leigos. O Sínodo dos Bispos vai, dessa forma, desembocar numa estrutura majoritariamente laical, sem precedentes no Direito Canônico.

É justamente nesse terreno que muitos católicos aguardam uma palavra firme do novo Papa. Porém, no livro-entrevista com Elise Ann Allen, Leão XIV mostrou-se alinhado à hermenêutica bergogliana: o medo de que a sinodalidade “tire a autoridade” dos bispos

revelaria uma compreensão equivocada da própria autoridade. O objetivo seria promover uma Igreja menos centrada na “hierarquia institucional”, e mais em “nós juntos” — uma experiência de comunhão apta a funcionar como “antídoto” para as polarizações modernas. Com a expectativa de que, caminhando e discernindo juntos “*o que Deus está nos dizendo hoje*”, a Igreja encontrará respostas para seus desafios.

A reação foi imediata. Aldo Maria Valli advertiu que uma sinodalidade sem magistério e sem autoridade episcopal transforma a Igreja “*numa democracia liberal transposta para a ordem sobrenatural*”, em que toda opinião, mesmo errada, “*tem a oportunidade de caminhar ao lado da verdade*”.

O silêncio de Leão XIV sobre o calendário da próxima Assembleia Eclesial tornou-se motivo de apreensão. O Cardeal Joseph Zen, por exemplo, denunciou a possibilidade de uma metamorfose do *Synodus Episcoporum* em organismo híbrido, que conduziria a Igreja ao destino da Comunhão Anglicana, fragmentada após décadas de concessões ao espírito do mundo. Daí sua pergunta, cada vez mais repetida: “*A Igreja Católica não está cometendo suicídio?*”

Ambiguidade calculada?

No intento de superar a polarização interna e de reconstruir uma unidade fictícia baseada num consenso frágil entre posições contraditórias, a Santa Sé de Leão XIV tem adotado uma postura de equilibrista em temas especialmente sensíveis, entre os quais a reivindicação do diaconato feminino, que ganhou enorme projeção no pontificado anterior.

Produziu frustração generalizada a recente divulgação dos trabalhos da segunda comissão criada pelo Papa falecido. Progressistas e feministas lamentaram ter

sido mantida a negativa para a ordenação de mulheres, enquanto os defensores da doutrina tradicional criticaram a repetição da fórmula de sempre: o tema “*precisa ser mais estudado*”, em vez de afirmar claramente e de forma definitiva, à maneira de João Paulo II, que a exclusividade masculina do sacramento da ordem em seu grau inferior também é irreformável.

Não surpreende que a agência dos bispos alemães tenha sintetizado: “*Entre o não e o sim: o diaconato feminino permanece no limbo*”.

A mesma ambivalência reaparece em outras frentes, como na relação com o Caminho Sinodal Alemão. Daí o diagnóstico de José Manuel Vidal: o novo pontificado estaria marcado por uma “*ambiguidade calculada*”, na qual cada gesto e nomeação visa avançar sem rupturas visíveis. Segundo ele, Leão XIV já fez mais de 90 nomeações em poucos meses, evitando mudanças bruscas; em questões doutrinárias ou morais, não fechou portas definitivamente nem abriu todas elas. Recuperou símbolos “clássicos” do Papado, mas preservou as reformas magisteriais e sociais, permitindo interpretações divergentes. Por isso “*os mais conservadores o veem como um restaurador; e os renovadores*

percebem uma continuidade com o aggiornamento da ‘Igreja em movimento’”.

A dificuldade dessa interpretação é equiparar dois polos essencialmente distintos: de um lado, os que desejam modificar a doutrina num sentido herético; de outro, os que defendem a perenidade do depósito da fé. Tratar ambos como extremos simétricos, que exigem um ponto médio de consenso, subestima o fato decisivo: dentro e fora do Vaticano há grupos heréticos exercendo forte pressão sobre o Papa. E cresce o temor de que Leão XIV, em nome de uma unidade aparente, acabe aceitando compromissos que fragilizem a integridade doutrinária. Mas a que custo?



Foto: Vatican Media

Segundo José Manuel Vidal, o novo pontificado estaria marcado por uma “*ambiguidade calculada*”, na qual cada gesto e nomeação visa avançar sem rupturas visíveis.

A resposta é dada com precisão pelo moralista Tommaso Scandroglio: *“A verdade deve estar de um lado da balança, e a unidade do outro. Mas a verdade não pode ser sacrificada em nome da unidade”*. Quando a doutrina está em jogo não há espaço para negociação nem para ambiguidade: *“a unidade não é um bem maior do que a verdade”*. Ainda pior é o silêncio da autoridade, especialmente de quem deve confirmar os irmãos na fé. Scandroglio afirma que o silêncio constitui *“consentimento tácito”*, *“cumplicidade passiva”* no mal, uma colaboração material por omissão. São Tomás é contundente e decisivo: *“Aquele que tem autoridade e não impede o mal parece consentir nele; e assim se torna participante dele”*.

Imensa decepção para os devotos de Maria Santíssima

No dia seguinte à sua eleição, Leão XIV foi a Genazzano venerar o afresco milagroso de Nossa Senhora do Bom Conselho. Apesar de sua formação em ambientes teológicos progressistas, como o seminário de Chicago, esse gesto somado à presença de uma réplica da imagem na missa inaugural do pontificado despertou esperanças de que sua devoção à Boa Conselheira pudesse orientá-lo de maneira a retomar com clareza a Tradição ofuscada a partir do Concílio Vaticano II.

A decepção veio logo com a publicação da Nota teológica *Mater Populi Fidelis*, assinada pelo Cardeal Víctor Manuel Fernández e referendada pelo Papa. O texto, marcadamente minimalista, reduz Maria a um papel passivo na Redenção, e afirma que sua mediação consiste apenas em predispor as almas a receber diretamente de Deus a graça divina. Daí a conclusão de que é *“sempre inoportuno”* chamá-la de *“Corredentora”*; e o título *“Medianeira de todas as graças”* é desaconselhável, por possuir *“limites”* que dificultariam sua compreensão.

Alguns bispos, como Dom Antônio Rossi Keller, de Frederico Westfalen, no Rio Grande do Sul (estado cuja padroeira é justamente Nossa Senhora Medianeira), criticaram o documento, lembrando a longa tradição patrística, magisterial e espiritual que sustenta esses títulos. Mas a reação mais forte veio do laicato, que per-

cebeu no texto uma diminuição das prerrogativas concedidas a Maria por sua maternidade divina, e a consequente maternidade espiritual dos membros do Corpo Místico de seu Filho.

A contestação foi tão ampla, que o próprio Cardeal Fernández se viu forçado a declarar à jornalista Diane Montagna que a proibição valeria apenas para textos litúrgicos e documentos oficiais, não para a devoção dos fiéis. A justificativa, porém, pouco amenizou o impacto negativo.

Em declaração publicada em 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, a Comissão Teológica da Associação Mariana Internacional — organismo que conta com três cardeais e cinco bispos em seu Conselho Consultivo — alertou para o efeito

desastroso que *Mater Populi Fidelis* poderá ter sobre a confiança dos fiéis. *“Se ensinamentos e títulos anteriormente utilizados pelos papas passam agora a ser considerados ‘inapropriados’ ou ‘inoportunos’, por que os fiéis deveriam confiar no Magistério papal?”* — questiona o documento. A Associação manifesta ainda a esperança de que a Nota do Cardeal Fernández seja reavaliada, conduzindo *“a uma nova expressão do Magistério sobre essas doutrinas e títulos marianos de importância crucial”*, e que se reconheça oficialmente a Santíssima Virgem Maria como Corredentora e Medianeira de todas as graças.

Se Leão XIV deseja de fato pacificar a Igreja e recuperar a confiança dos católicos tradicionais, é difícil entender por que permitiu a publicação de um texto tão marcadamente ligado ao pontificado anterior. A agência *Crux*, de orientação progressista, observou





Multidão de jovens peregrinam no México, na festa de Nossa Senhora de Guadalupe.

que o “*novo documento sobre a Corredentora abre um ninho de vespas*”.

Dói dizê-lo, mas documentos desse teor dificilmente atrairão para o pontificado de Leão XIV as graças de que a Igreja e o Papado tanto necessitam; graças que, queira ou não o prefeito Fernández, Deus costuma derramar por meio da intercessão e mediação de Maria Santíssima.

Milagre da geração Z: a religião volta a ser tópico em alta

Onde se manifesta claramente a intercessão materna de Maria junto ao seu divino Esposo é no chamado *Catholic Revival* (ou seja, um Renascimento Católico) no meio social menos esperado: a juventude.

Ao longo do ano foram numerosas e eloquentes as provas dessa inesperada virada cultural e psicológica, que se manifesta pelo crescente interesse por ensinamentos e práticas da Igreja Católica, por grande número de jovens adultos que se convertem e pedem o Batismo. Em países tão diferentes culturalmente, como a França, a Nigéria, o Canadá, a Inglaterra, a Austrália e os Estados Unidos, constatou-se um aumento enorme dos catecúmenos nesses anos pós-Covid. A cada ano se duplica ou até se triplica o número de pedidos para serem instruídos e batizados.

As pesquisas recentes convergem para um dado surpreendente: em diversas regiões do mundo “*os jovens adultos estão demonstrando um renovado interesse pela fé, pela prática religiosa e pela vida espiritual, frequentemente superando as gerações anteriores*”. A pesquisa internacional “Jovens, Fé e Experiência Religiosa” — com quase 5.000 participantes de oito países — registrou um crescimento consistente da prática religiosa entre pessoas de 18 a 29 anos, incluindo o dado inesperado de que “*12% dos jovens católicos dessa faixa de idade frequentam a missa diariamente*” (chegando a quase 20% na Espanha). Nos Estados Unidos, um relatório do Barna Group mostra que “*a Geração Z e os Millennials agora vão à igreja mais do que os Baby Boomers e a Geração Silenciosa*”, participando de atos religiosos em média 1,8 a 1,9 vezes por mês. O estudo revela ainda uma inversão da tendência histórica, com “*43% dos homens*” frequentando semanalmente, contra “*36% das mulheres*”.

Fenômeno semelhante aparece no mundo anglófono. Na Irlanda do Norte, uma pesquisa do Instituto Iona aponta que jovens da Geração Z têm fé mais forte que a de seus pais, descrita por especialistas como um “*renascimento silencioso*”. No Reino Unido, a Sociedade Bíblica identificou, por meio da YouGov, um aumento marcante da religiosidade juvenil: entre 2021

e 2025, a crença em Deus entre os jovens de 18 a 24 anos “quase triplicou”, saltando de 18% para 46%, impulso que tem levado a um crescimento mensurável da frequência à igreja. Em síntese, apesar do ambiente cultural secularizado, múltiplos estudos independentes apontam para “um ressurgimento religioso entre os jovens”, muitas vezes mais intenso do que o observado nas gerações anteriores.

Crescente interesse pela sacralidade dos ritos tradicionais

Os dados convergem para outro fenômeno marcante: os jovens católicos que retornam à prática religiosa são atraídos justamente pelas expressões mais tradicionais da fé: o estudo do Catecismo e dos grandes autores, as práticas ascéticas da Quaresma, e sobretudo o esplendor da Santa Missa, como era celebrada antes da reforma litúrgica de Paulo VI. Na última Quarta-feira de Cinzas, milhares de jovens franceses fizeram fila para receber as cinzas; e, “sem nenhum respeito humano”, mantiveram o sinal na testa durante todo o dia.

Segundo o sociólogo Yann Raison du Clesiou, a pressão do ateísmo dominante e do fanatismo religioso muçulmano leva esses jovens a tornar sua fé mais visível, numa “transição minoritária” marcada pela busca de solenidade litúrgica, teologia clássica, verticalidade da autoridade sacerdotal e pela retomada de devoções que muitos consideravam obsoletas. Não surpreende, portanto, que paroquianos mais velhos se inquietem diante do que percebem como “um retrocesso”.

Esse movimento juvenil encontra paralelo no clero mais novo. O maior estudo sobre padres americanos feito em 50 anos mostra que, enquanto mais de 70% dos padres ordenados antes de 1975 se diziam teologicamente progressistas, apenas 8% dos ordenados após 2010 se identificam assim; em contraste, mais de 70% dos padres

mais jovens afirmam ser “conservadores/ortodoxos” ou “muito conservadores/ortodoxos”. O apreço pela Missa Tridentina cresce de modo exponencial: era prioridade para apenas 11% dos padres ordenados antes de 1980, saltando para 39% dos ordenados no século XXI. Os jovens sacerdotes também privilegiam a devoção eucarística e mostram menos ênfase que os mais velhos em temas como mudança climática, imigração ou justiça social — um padrão confirmado também por sondagens na França e na Alemanha.



Ato penitencial de jovens, em Sevilha, Espanha.

tica e mostram menos ênfase que os mais velhos em temas como mudança climática, imigração ou justiça social — um padrão confirmado também por sondagens na França e na Alemanha.

Fátima, a grande esperança

O balanço do ano mostra uma passagem delicada: de um pontificado abertamente revolucionário e convulsivo para outro de aparência mais conservadora, mas ainda marcado por continuidades doutrinárias e pastorais que inquietam muitos fiéis. Essa oscilação entre gestos de restauração e decisões em clara linha progressista pôs novamente à prova a fé, a lucidez e a paciência dos católicos que desejam permanecer

firmes no depósito da Fé.

A novidade é que o Espírito Santo parece suscitar sinais de renovação profunda justamente onde menos se esperava: na juventude. As novas gerações estão redescobrimo — com entusiasmo e coragem — aquilo que muitos pensavam ter sido definitivamente abandonado. Essa vitalidade nascente contrasta frontalmente com as ambiguidades dos setores mais elevados da Hierarquia.

Esse panorama confirma de modo impressionante a profecia de Nossa Senhora em Fátima: apesar das crises no mundo e na Igreja, Deus prepara, por meio de sua Mãe Santíssima, caminhos de conversão, purificação e vitória. Cabe-nos manter a confiança e a perseverança, certos de que, após o túnel da prova, despontará o esplendor de seu triunfo. Portanto, de que veremos logo os primeiros albos do Reino de Maria.

Panorama político de 2025

Caminho caótico para um mundo multipolar



John Horvat

Ao analisarmos os principais eventos políticos mundiais em 2025, deparemos-nos com um cenário confuso e perturbador para os que se dedicam a defender a civilização cristã. Tanta coisa mudou, que já não se consegue observar os padrões e a lógica aos quais estamos acostumados.

Colocaremos o foco em um tema central que se destaca entre os demais, ou seja, a crescente fragmentação geopolítica da sociedade. Essa tendência nos ajudará a compreender melhor o que aconteceu em 2025 e a nos preparar para o que virá depois. Igualmente nos facilitará a percepção de que estamos assistindo a um colapso dramático das instituições, e também de práticas e regras que asseguravam a ordem pós-Segunda Guerra Mundial.

Um dos efeitos dessas transformações é o aumento da polarização, que vem criando divisões irreconciliáveis. Outro é que está se desfazendo a formidável unidade no *establishment* liberal do Ocidente, enquanto um novo estado de coisas indefinido vai se estabelecendo. Assim, veremos como essa tendência específica dominou as notícias mundiais em 2025.

Para compreender melhor o ano que findou, precisamos de um prisma mediante o qual interpretar os acontecimentos. O livro *Revolução e Contra-Revolução*, do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, será o nosso prisma.

Revolução e Contra-Revolução

De acordo com a lógica desse importante livro, a história moderna é uma luta entre duas forças: os inimigos da Igreja e da Cristandade (a Revolução) e aqueles que defendem a civilização cristã (a Contra-Revolução). Essa Revolução (com R maiúsculo) é a força unificadora de um vasto



A história moderna é uma luta entre duas forças: os inimigos da Igreja e da Cristandade (a Revolução) e aqueles que defendem a civilização cristã (a Contra-Revolução). Essa Revolução (com R maiúsculo) é a força unificadora de um vasto ataque ao Cristianismo, que vem se desenvolvendo desde a Idade Média.

ataque ao Cristianismo, que vem se desenvolvendo desde a Idade Média. É um processo que leva o mundo a fases cada vez maiores de revolta contra a ordem cristã.

Assim, examinaremos a atuação das forças da Revolução e da Contra-Revolução em 2025. Discutiremos a fragmentação política do ano dentro de um processo revolucionário, para entender como chegamos ao estado atual e para onde ele pode estar sendo encaminhado.

Como chegamos à situação atual

A atual etapa do processo revolucionário começa com o triunfo da ordem liberal pós-Segunda Guerra Mundial, que dominou a economia, a política e a cultura. Essa estrutura criou um *establishment* liberal baseado no Estado de Direito, nos mercados livres e na liberdade política.

Essa fase “clássica” do liberalismo produziu uma prosperidade estável, porém frenética; uma noção distorcida de liberdade; e um consenso relativista sobre como manter a verdadeira ordem. No entanto, o liberalismo também possui elementos autodestrutivos. Particularmente notável é sua tolerância a comportamentos imo-

rais, sob o pretexto de uma liberdade pessoal distorcida. Essa tolerância se mostra hostil à Igreja e corrosiva para a sociedade liberal.

A revolução sexual dos anos 1960 deu origem a uma forma mais revolucionária de liberalismo, promovida por aqueles que defendem uma liberação radical das paixões desenfreadas. Esses novos revolucionários questionam todas as certezas, restrições e regras. Assim, por exemplo, o movimento “transgênero” coloca em dúvida a noção de identidade (masculina ou feminina) e ataca os que ousam pensar o contrário.

Os eventos de 2025 refletem um violento choque dentro do liberalismo, entre os que desejam preservar a ordem liberal clássica e os que pretendem levar os princípios liberais às suas consequências extremas, vislumbrando uma sociedade *woke* sem limites.

Ataques ao antigo *establishment* liberal

Em 2025 o *establishment* liberal clássico e a ordem mundial correspondente sofreram ataques sem precedentes, tanto da direita quanto da esquerda. Uma grande mudança está acontecendo, e pode ser percebi-

da pelo colapso do consenso de convivência pacífica devido à crescente insatisfação com o sistema atual. O Ocidente enquanto um todo coeso se desmantela, e por toda parte vemos a política de ruptura desafiando antigas premissas.

O aspecto fundamental dessa mudança é sua natureza disruptiva. Na verdade, o que mais importa é a própria ideia de ruptura das regras e dos protocolos estabelecidos, que resulta em governos desconcertantemente caóticos, uma proliferação de ações destrutivas e o desmoronamento de alianças seculares.

Ascensão do populismo

A manifestação mais importante dessa ruptura em 2025 foi a ascensão do populismo, tanto à esquerda quanto à direita. O retorno de Donald Trump à presidência dos EUA deu enorme impulso a essa tendência mundial. Muitas das eleições ocorridas no ano passado refletiram o descontentamento dos eleitores, alimentando a ascensão do populismo.

Podemos observar a mesma ruptura onde quer que o populismo tenha surgido, particularmente na Europa e na América Latina. À esquerda, a vitória de Zohran Mamdani para prefeito da cidade de Nova York representa uma versão socialista da política populista.

Os EUA e os realinhamentos globais

Também pudemos observar em 2025 novos realinhamentos globais que vêm transformando o mundo. Nações como a China e a Rússia têm se aproveitado ao mesmo tempo das rupturas e dos ressentimentos que elas geram, oferecendo alternativas antiocidentais. Uma manifestação clara desse realinhamento é a desestruturação das relações comerciais do pós-guerra, cuidadosamente

desenvolvidas ao longo de décadas, com o retorno do protecionismo e das guerras comerciais.

O passo mais importante nesse sentido foi a guerra tarifária dos Estados Unidos com quase todas as nações. Essa medida reconfigurou as cadeias de suprimentos globais. Em alguns momentos as tarifas alienaram ami-

gos e aliados, e até demonstraram simpatia por algumas potências hostis (como a Rússia).

Algumas nações estão recorrendo a alternativas políticas antiocidentais. Por exemplo, a ascensão dos países do chamado BRICS, que inclui Brasil, Rússia, Índia, China e outros, desafia diretamente os Estados Unidos e a Europa. De fato, as ações consistentes e calculadas da China têm oferecido acordos a algumas nações que se sentem vitimadas pelo realinhamento populista agressivo.

Laços militares enfraquecidos

O alinhamento anterior havia fortalecido as alianças militares vigentes desde a Segunda Guerra Mundial. Contudo, a OTAN e outros pactos de defesa ocidentais foram significativamente enfraquecidos, à medida

que uma abordagem mais nacionalista se consolidou. Mais uma vez os Estados Unidos são o ator mais ativo nesse jogo. Aliados na Europa, Ásia e Oriente Médio buscam parcerias alternativas, fortalecendo suas defesas nacionais e diversificando suas relações internacionais.

Enquanto isso, a sinistra aliança entre Rússia, China, Irã e Coreia do Norte se fortaleceu em 2025, criando um mundo muito menos estável.

O efeito concreto desses laços enfraquecidos é a exacerbação de conflitos. As guerras na Ucrânia e em Gaza continuaram criando novas divisões nesse Ocidente realinhado. Os esforços diplomáticos ponderados, que caracterizaram os tratados anteriores, foram substituídos



China e a Rússia têm se aproveitado ao mesmo tempo das rupturas e dos ressentimentos que elas geram, oferecendo alternativas antiocidentais.

por acordos assinados às pressas, que deixaram detalhes essenciais sem solução.

Combatendo a agenda *woke*

Esse realinhamento disruptivo teve também um efeito positivo, enfraquecendo os acordos que vinculavam as nações a causas de esquerda, ecológicas e *woke*. Os Estados Unidos, por exemplo, retiraram-se de compromissos climáticos globais, como o Acordo de Paris.

De fato, as nações ficaram mais livres para se oporem à imigração, ao alarmismo ecológico, à ideologia *woke* e ao transgênerismo, devido a essa nova perspectiva nacionalista. Em 2025, os mandatos de diversidade, equidade e inclusão (DEI), que antes exerciam grande influência nos negócios, foram derrotados em todos os lugares.

Essa ruptura tem sido particularmente eficaz em derrubar modelos políticos e governos de esquerda clássicos. As eleições de 2025 resultaram na derrota de candidatos de esquerda na Bolívia e no Chile. Eles se juntam à Argentina e ao Paraguai, que já têm governos conservadores. As futuras eleições na Colômbia e no Peru devem tender à direita, à medida que a América do Sul rejeita os modelos de esquerda.

Apesar desses benefícios que enfraquecem a esquerda, a falta de uma estrutura familiar entre as nações cria atritos e tensões entre os blocos de nações recém-formados, preparando o terreno para uma nova configuração global.

Para onde vamos?

Assim, a promoção da fragmentação política representa um passo adiante no processo revolucionário,

uma vez que essa ruptura favorece mais a incerteza e a desordem. A Revolução progride com essas tendências, porque seu objetivo é maior do que apenas um realinhamento de antigas alianças.

Vimos igualmente no ano findo passos significativos rumo ao dismantelamento do Ocidente e seus

respectivos fundamentos cristãos. Em seu lugar está se formando o que muitos líderes (incluindo o Secretário de Estado americano Marco Rubio) chamam de mundo “multipolar”, abraçando uma nova narrativa pós-moderna.

O que é um mundo multipolar?

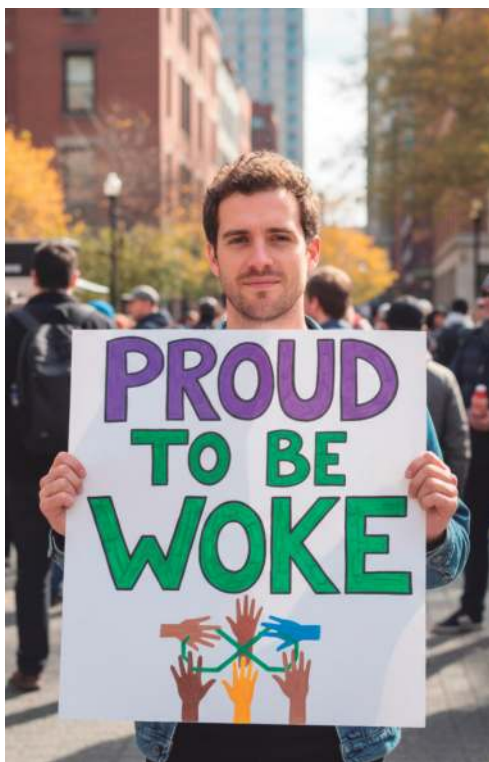
A ascensão de um mundo multipolar representa uma reconfiguração do mundo pós-moderno, afastando-se das estruturas econômicas e políticas tradicionais lideradas pelo Ocidente, em direção a um sistema com múltiplos polos de influência e ideologias. Os “polos” mais radicais clamam pela derrubada do Ocidente.

O novo modelo não se baseia mais em princípios universais como o Estado de Direito, que todas as nações devem respeitar, mas em uma fragmentação

de valores dos “estados civilizatórios”, liderados pelos EUA, UE, China, Rússia, Islã, África e América Latina.

Tal movimento é revolucionário na perspectiva da obra *Revolução e Contra-Revolução*, do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, que defende a ordem cristã. Essa nova visão de mundo sustenta que não existe verdade nem moral objetivas. Tudo é determinado pelos estados civilizatórios — sejam eles comunistas, islâmicos, seculares ou outros.

Um dos principais defensores dessa visão é Aleksandr Dugin, um conselheiro próximo de Vladimir Putin, da Rússia. Ele a denomina revolução, considerando-a maior que a Revolução Comunista de 1917.



Em 2025 os mandatos de diversidade, equidade e inclusão (DEI), que antes exerciam grande influência nos negócios, foram derrotados em todos os lugares.

O atual mundo “multipolar” baseia-se num processo com objetivos misteriosos, ocultos e relativistas, muito distantes da civilização cristã que buscamos.



Colocando 2025 em perspectiva

Houve muitos outros acontecimentos dignos de nota ao longo do ano passado. No entanto, todos ocorrem em meio a um turbilhão de desordem desconcertante. Em nossa visão política de 2025, buscamos colocar em perspectiva as mudanças radicais que ocorrem ao nosso redor, enquadrando-as como uma grande mudança de paradigma.

De fato, devemos ver a perturbação de instituições e procedimentos como algo além de acontecimentos aleatórios. Essas novas mudanças atingem o mundo ocidental como o conhecemos e ameaçam seus fundamentos cristãos, que tanto beneficiaram o mundo.

Essas rupturas tomarem a forma de grandes realinhamentos, em 2025, e estão abalando o cenário mundial, minando certezas e práticas estabelecidas. Embora esses processos possam também erradicar valores liberais *woke* prejudiciais, não apontam para um retorno à ordem cristã. Surgindo em torno desses processos estão os esforços de nações como a China, que minam o Ocidente e instalam ideologias de esquerda como modelos principais.

Na verdade, este mundo “multipolar” baseia-se num processo com objetivos misteriosos, ocultos e relativistas, muito distantes da civilização cristã que buscamos.

Enfrentando o futuro

Esse plano para um mundo multipolar está repleto de complicações e contradições. A natureza disruptiva e desordenada da fragmentação política contraria seu objetivo. Além disso, resquícios de boa ordem representam obstáculos à implementação dessa revolução.

Muitos conservadores continuaram em 2025 a se opor ao desmantelamento do Ocidente. Outros lutaram na guerra cultural em defesa da moral cristã. A crescente polarização pode forçar os conservadores a definir suas posições, afirmar a verdade e reconhecer códigos morais universais.

A batalha está longe de terminar. Além disso, não devemos limitar nossos horizontes às batalhas políticas, pois a esfera espiritual exerce enorme influência na história das nações. O número recorde de conversões à fé católica, em 2025, demonstra a ação de Deus nas almas, tornando todas as coisas possíveis. Todas essas ações espirituais têm implicações no campo político e podem ser grandes obstáculos contra-revolucionários que se opõem à imposição desse mundo novo multipolar.

2025 foi um ano desafiador para todos que defendem a tradição. Ao entrarmos em 2026, devemos confiar em Deus e na Virgem Maria, a fim de nos darem força e discernimento para prosseguir na luta contra-revolucionária. ✞

América Latina

Transição para
a centro-direita



Juan Antonio Montes

Ao longo de vários anos, os pleitos eleitorais latino-americanos favoreceram de maneira quase ininterrupta os partidos de esquerda. Muitos acreditavam então que seus ideólogos conseguiriam manter para sempre o controle dos governos que lideravam. Contudo, o ano de 2025 mudou decisivamente o rumo político do Continente.

Um dos fatores favoráveis aos partidos de centro-direita foi, sem dúvida, o evidente fracasso do ‘chavismo’ venezuelano. Mais de sete milhões de exilados daquele país expuseram as feridas sociais de um experimento desastroso, que se arrasta há mais de um quarto de século.

Falar em “ajuda aos pobres” ou em igualdade para todos, e ao mesmo tempo simpatizar com governos marxistas — como o de Maduro — é um discurso de cada vez menor credibilidade.

As urnas confirmam essa mudança.

1. Equador reelege seu presidente

No segundo turno das eleições presidenciais, em abril de 2025, o candidato Daniel Noboa obteve aproximadamente 55,8% dos votos, contra 44% de sua rival de esquerda, Luisa González, candidata fantoche do foragido ex-presidente socialista Rafael Correa.

A reeleição de Noboa representou uma rejeição contundente às promessas populistas do *Partido da Revolução Cidadã*, fundado por Correa em 2018. Os eleitores optaram assim por uma alternativa que prometia menos ênfase nos amplos programas sociais característicos da esquerda; e mais em segurança, ordem e apoio ao setor privado.

Esse resultado favorável à centro-direita no Equador marcou o início de uma mudança que, como veremos, se repetiu posteriormente em outras nações.

2. Argentina reafirma seu apoio ao presidente Milei

As eleições nacionais para a renovação do Congresso argentino ocorreram em 26 de outubro de 2025. Apesar dos prognósticos desfavoráveis ao partido governista, a vitória do governo Milei foi inegável. Com participação eleitoral de quase 70%, o bloco governista alcançou mais de 40% dos votos em todo o país.

Essas eleições são consideradas um “teste” para avaliação do governo Milei (eleito em 2023) e do seu apoio antes da segunda metade de seu mandato. O triunfo de *La Libertad Avanza* (A Liberdade Avança) assegurou a continuidade das reformas propostas por Javier Milei, incluindo a redução do tamanho do Estado e a abertura e liberalização da economia.

Esse resultado também representou um golpe simbólico para o domínio tradicional do peronismo em certas províncias-chave, o que poderá alterar o equilíbrio de poder regional na Argentina em um futuro próximo.

Além disso, foi mantida a condenação da ex-presidente socialista Cristina Fernández de Kirchner, pelo crime de “*administração fraudulenta em detrimento da administração pública*”, relacionado a 51 contratos de obras públicas na província de Santa Cruz. Assim a ex-presidente está legalmente impedida de ocupar cargos públicos; e a um passo da prisão, deixando o movimento peronista sem sua liderança contínua de 12 anos.

3. Bolívia: Mais uma surpresa a favor do centro-direita

Nas eleições gerais de 17 de agosto de 2025, o partido de esquerda *Movimiento al Socialismo* (MAS), dominante na Bolívia, sofreu uma derrota retumbante: seus candidatos obtiveram números extremamente baixos

(um deles, com cerca de 3% dos votos) no primeiro turno.

Os dois candidatos que avançaram para o segundo turno eram de centro-direita. Rodrigo Paz venceu com cerca de 54,5% dos votos, contra 45,4% de Quiroga. Juntos, esses dois candidatos de centro-direita alcançaram 99,9% de apoio da população no segundo turno.



Presidente da Argentina Javier Milei

No Congresso boliviano, o MAS também perdeu a maioria e foi praticamente varrido de muitas cadeiras, confirmando que não se tratava apenas de uma vitória presidencial, mas de uma profunda mudança no equilíbrio do poder político. Esses resultados indicam uma quebra na hegemonia da esquerda na Bolívia — um país que desde 2005 esteve quase ininterruptamente sob o controle do MAS.

Foi significativo que Rodrigo Paz Pereira não tenha convidado líderes de Cuba, Venezuela e Nicarágua para a sua posse, argumentando que esses governos “*não representam democracias*”. As eleições bolivianas confirmaram a onda de mudança ideológica na América Latina. Não apenas mudanças dentro da esquerda ou do centro-esquerda, mas também

mudanças em direção a opções opostas.

4. Colômbia: Um presidente ex-terrorista não consegue conquistar a nação

O presidente Gustavo Petro, antigo membro de um grupo terrorista, foi o primeiro candidato de esquerda eleito na Colômbia, em 2022, concorrendo com uma plataforma de ideais socialistas em um país tradicionalmente católico e conservador.

No entanto, seu governo rapidamente começou a enfrentar crescente insatisfação no povo colombiano. Seu passado como guerrilheiro, além de um governo percebido como imprevisível e alinhado à Venezuela, levaram-no a índices recordes de desaprovação entre os colombianos.

De acordo com a pesquisa Atlas Intel/Bloomberg (“Pulso Latino”), realizada entre 20 e 25 de agosto de 2025, Petro tinha um índice de aprovação de 34,1% e um índice de desaprovação de 61,6%.

Outra pesquisa (junho de 2025) indicou que seu índice de desaprovação havia chegado a aproximadamente 64%, com seu índice de aprovação em apenas 29%.

Para as próximas eleições presidenciais, de 8 de março de 2026, as pesquisas indicam: “Candidatos de direita e de centro têm vantagem nas intenções de voto; e os candidatos de esquerda estão ficando para trás, mas ainda não está claro se o segundo turno será exclusivamente entre a direita e o centro”.

5. Peru: crônica de um ciclo interminável

Nesse país profundamente católico e conservador, a desconexão entre a população e os poderes do Estado é evidente.

Desde a década de 1990 a instabilidade política peruana tornou-se quase endêmica: entre 2016 e 2023, vários presidentes sucessivos assumiram o poder — alguns por meio de circunstâncias extraordinárias, como *impeachment* ou vacância presidencial — com mandatos efêmeros e sem apoio genuíno da opinião pública.

Um dos fatores que explicam essa alternância constante é que os partidos políticos peruanos são baseados em líderes populistas, e não em um conjunto de ideias consolidadas, o que aumenta o nível de desaprovação popular.

Enquanto os partidos políticos não conseguirem interpretar a vontade dos peruanos e suas profundas raízes católicas, resta pouca esperança de se alcançar a estabilidade institucional. No entanto, como sinal da separação entre as forças vitais da nação e os poderes constituídos, a economia cresceu, demonstrando que o

espírito empreendedor dos peruanos é capaz de resistir aos altos e baixos da política.

6. Chile dá as costas à insurreição da esquerda

Os recentes resultados finais das eleições presidenciais no Chile, com a vitória, no segundo turno, do direitista José Antonio Kast, revelam dois pontos importantes a serem considerados.

Primeiro, a direita no país detém a maioria absoluta do eleitorado, o que significa que o próximo governo terá um apoio popular significativo. No entanto, isso também significa que o novo presidente deve atender urgentemente às expectativas desses eleitores: uma mudança decisiva de rumo após o governo Boric, de extrema esquerda.

Segundo, o resultado obtido pela candidata comunista demonstra que a esquerda no Chile continua a angariar apoio considerável entre os eleitores, apesar de ela representar a continuidade de um governo desastroso e de sua trajetória na ala mais radical



O direitista José Antonio Kast, presidente recentemente eleito no Chile.

da esquerda.

Portanto, neste importante Chile se aproxima um período árduo para o novo governo de direita. Numa perspectiva continental, o resultado das eleições também consolida a guinada à direita observada na grande maioria das nações do continente. Assim como demonstrou uma rejeição contundente ao governo Boric que pretendia transformar o Chile em uma república plurinacional nos moldes chavistas.

7. Honduras, último adeus ao esquerdista Zelaya

A candidata Rixi Moncada, representante do deposto presidente de esquerda Manuel Zelaya, perdeu as eleições gerais realizadas em seu país em dezembro de 2025,

obtendo cerca de 19% dos votos. Os dois candidatos de centro-direita — Salvador Nasralla (Partido Liberal) e Nasry Asfura (Partido Nacional, conservador) — obtiveram 40,13% e 39,71%, respectivamente, com ambas as opções de oposição representando quase 80% do eleitorado. Tanto Asfura quanto Nasralla declararam que poderiam retomar as relações diplomáticas com Taiwan, rompidas em 2023. Tal movimento representaria o maior revés diplomático para a China comunista na região.

O Conselho Nacional Eleitoral de Honduras atrasa extraordinariamente a divulgação dos resultados finais da votação, fomentando um clima de descontentamento e rumores de manipulação de votos, o que contribui para provocar agitação social.¹

O denominador comum: Estados cada vez mais frágeis enfrentando gangues internacionais cada vez mais poderosas

Outra questão a se considerar, no cenário latino-americano, é que nos últimos anos diversos Estados viram sua soberania e capacidade institucional minadas pelo avanço de redes transnacionais que combinam narcotráfico, terrorismo e a tomada do poder real. Países que até recentemente eram considerados relativamente estáveis lutam agora para conter a violência de gangues que operam em múltiplas fronteiras: exportam drogas, traficam armas, recrutam jovens e desafiam diretamente o Estado.

Um exemplo primordial é o Equador, que até recentemente figurava entre as nações latino-americanas com as menores taxas de homicídio. Porém, ao se tornar um ponto de trânsito crucial entre os principais produtores de drogas (Colômbia e Peru) e os mercados globais, sofreu um aumento brutal da violência.

Assim, o enfraquecimento do Estado torna-se evidente quando as autoridades civis e militares precisam

declarar estados de emergência ou exceção para retomar o controle e neutralizar as ações desses grupos narcoterroristas.

Os países produtores e de trânsito de drogas demonstram que o problema não é apenas interno, mas também internacional. A recente inclusão da Venezuela na lista dos EUA de “Estados Patrocinadores do Narcoterrorismo”, bem como a militarização das rotas marítimas por potências externas, demonstra que esses grupos criminosos operam cada vez mais como atores híbridos, transitando entre o crime organizado, o terrorismo e a guerra de guerrilha.

O impacto político é profundo: o enfraquecimento institucional, a corrupção e a impunidade alimentam um círculo vicioso de controle territorial por grupos criminosos, que oferecem uma “ordem alternativa” em áreas onde o Estado já não atua. Essa “cartelização” de estados ou regiões permite que esses atores influenciem eleições locais, tomem o poder de autoridades e expandam seu domínio.

A resposta do Estado, embora intensa em alguns casos, não

está atingindo seus objetivos. As forças de segurança, muitas vezes mal equipadas ou infiltradas, enfrentam grupos bem armados e internacionalizados, com recursos financeiros e métodos violentos. Além disso, os Estados precisam colaborar entre si e com potências externas, o que complica a soberania e a governança. Por exemplo, alianças entre gangues mexicanas e europeias ou africanas ampliam o alcance dos cartéis para novos mercados.

Para a América Latina, o desafio é duplo: por um lado, recuperar o controle territorial e fortalecer as instituições básicas para estabelecer um Estado de Direito sólido; por outro, reverter a lógica pela qual os criminosos impõem sua “governança”. Caso contrário, a região corre o risco de vários países se tornarem não apenas “narcoestados”, mas “estados párias”, em que o mono-



Policial com suspeitos de pertencer às gangues do narcotráfico no Equador.

pólio das forças armadas legítimas é comprometido; e os indivíduos, sentindo-se indefesos, passam a fazer justiça pelas próprias mãos.

Em suma, a internacionalização do narcoterrorismo não é mais uma metáfora; é uma realidade que transcende fronteiras e exige uma reconfiguração da abordagem de segurança. Os Estados latino-americanos, especialmente os mais vulneráveis institucionalmente, enfrentam um adversário globalizado. E a tarefa mais urgente não é apenas perseguir os cartéis, mas reconstruir o tecido institucional, restaurar o monopólio estatal da força e recuperar a confiança pública.

Polarização entre os diferentes governos da região

Até algum tempo atrás, a polarização era considerada um problema interno de cada país. Este ano, pela primeira vez, a polarização afetou inclusive a convivência entre os próprios Estados. Essa afirmação foi feita pelo secretário-geral da OEA, Albert Ramdin, que citou como exemplo o fato de a polarização ter forçado a República Dominicana a anunciar o adiamento da *Cúpula Trienal das Américas*, que deveria ter ocorrido em dezembro último, devido à impossibilidade de um “diálogo produtivo”. Ele concluiu afirmando que “a América Latina nunca esteve tão polarizada como nos últimos 30 anos”.²

Um exemplo significativo dessa falta de disposi-

ção para se chegar a um entendimento foi a atitude do presidente Gabriel Boric durante a posse presidencial boliviana. Quando o presidente argentino aproximou-se para cumprimentá-lo, Boric apenas estendeu a mão e não se levantou, em sinal de desdém.³

Conclusão: um panorama auspicioso carregado de nuvens escuras

De modo geral, 2025 foi um ano com número notável de eleições decisivas na América Latina, dando clara predominância às opções de centro-direita.

No entanto, tais resultados não garantem um futuro brilhante. Paralelamente, e talvez até acima deles, cresce um verdadeiro enxame de micro-poderes paralelos extremamente violentos, infiltrando-se em todos os níveis da sociedade.

É imperativo que os governos eleitos nos países que analisamos deem prioridade à solução dos problemas morais, que são a causa da proliferação desses nefastos poderes paralelos. Para

tanto, não basta simplesmente abrir mais prisões; as instituições básicas da nossa sociedade devem ser fortalecidas, a começar pela família cristã.

Peçamos a Nossa Senhora de Guadalupe, Padroeira das Américas, que proteja especialmente as nações consagradas à sua intercessão, guiando-as de volta à plenitude dos princípios da civilização cristã, que representam a mais nobre das nossas tradições. ✠



Notas:

1. Agencia Reuters. Laura Garcia, 8 de dezembro de 2025. “Crece la impaciencia en Honduras por el estancamiento en la divulgación de los resultados electorales”.
2. Cfr. “EL País”, 10 de novembro de 2025. Albert Ramdin, secretário geral da OEA: “América Latina nunca tinha estado tão polarizada en los últimos 30 años”.

3. Cfr. “EL País”, Antonia Laborde. Santiago de Chile – 8-11-25 – “Boric saluda fríamente a Milei en el cambio de mando de Bolivia. El presidente chileno, a diferencia de sus homólogos latinoamericanos, no se pone de pie para saludar al libertario.” <https://elpais.com/chile/2025-11-08/boric-saluda-fríamente-a-milei-en-el-cambio-de-mando-de-bolivia.html>

Brasil de 2025

**Esquerda e direita
não tiram o pé**



Paulo Henrique Américo de Araújo

Em julho do ano passado, o comentarista Carlos Andreazza publicou em “O Estado de S. Paulo” um interessante artigo com o título: “*Ninguém tira o pé*”¹. Ele aponta vários pontos de choque no cenário nacional, e como seus atores principais em ambos os lados não desejam recuar um passo em favor do adversário. De fato, nos tempos de crise em que vivemos, há no Brasil dois polos delineados: os que desejam preservar e desenvolver os fundamentos da civilização cristã no Brasil; e os que, negando essas raízes fundamentais, procuram extirpá-las.

Muitos atores desse confronto não têm presente esse fundo de quadro religioso-ideológico na direção de suas ações. Devemos apontá-lo claramente, no entanto, para não nos embarçarmos na picuinha político-partidária que inunda o noticiário, e que dificulta entendermos o rumo dos acontecimentos.

O que está em jogo vai muito além das brigas e fofocas políticas. Segundo constatou Plínio Corrêa de Oliveira, o Brasil da superfície, sobre o qual incidem os holofotes da grande mídia, detém hoje muito do Poder estatal, esquerdista, rancoroso e nervoso. E o outro Brasil, “*que é e quer continuar sendo autenticamente brasileiro, em legítima continuidade com seu passado, e cujos passos se orientam na linha dessa continuidade*”².

Ao analisarmos episódios principais da contenda que se desenrolou no Brasil de 2025, devemos ter em vista esse panorama maior, que em última análise envolve a glória de Deus e a salvação das almas.

Perseguições e conflitos internos

Um dos pontos mais relevantes desse embate de forças está na insistência da esquerda em desqualificar os que se encontram no outro lado do espectro político e ideológico — denominados em

conjunto de direitistas, conservadores — que seguem os rumos da tradição e civilização cristã. Contra a figura mais visada desse bloco, o ex-presidente Jair Bolsonaro, desencadearam-se em 2025 os últimos lances do furioso revide esquerdista, provocando desconcertos e perplexidades no brasileiro médio, pacato, geralmente oposto à “perseguição policialesca”. Constituem as camadas mais profundas da nação, e as pesquisas os apresentam como a maioria da população³.

A citação judicial de Bolsonaro foi recebida no leito de um hospital, depois houve o decreto de sua prisão domiciliar, chegando em novembro à sentença de condenação e trânsito em julgado. Crimes alegados: “tentativa de golpe” e “subversão das instituições democráticas”. O recado é velado, mas bem percebido pelo “povinho comum”, conservador e cristão: *Calem-se vocês da direita, senão vai ser esta a vingança que lhes preparamos! Não recuaremos até silenciá-los completamente!*

A fúria contra Bolsonaro dirige-se, na verdade, contra um imenso veio da opinião brasileira. Não se reduz à perseguição de apenas um indivíduo, mas sim àqueles que possuem determinada mentalidade e modos de ser, reflexos de nossas raízes cristãs.

Assim, os raios da vingança política caíram também sobre quem deveria permanecer ignorada: a agora famosa “Débora do batom”. Condenada a 17 anos de prisão, esta mãe de dois filhos tornou-se representante expressiva daquela faixa de opinião conservadora, “imolada” em nome da “defesa da democracia”. O contra-ataque da esquerda, portanto, atinge desde ex-presidente até uma cabeleireira! Aplicando o artigo de Carlos Andreazza: *Ela não tira o pé!*

Qual o motivo dessa perseguição? Exatamente aquilo que ela representa: o conservadorismo, Deus

e a moral. Até o Partido da Causa Operária criticou a condenação da cabeleireira⁴.

Os grandes da “*esquerda light*” se recusam a levar em conta a indignação que se acentua no Brasil profundo, e pode a qualquer momento explodir. Vão se somando no cenário nacional as críticas ao prota-

gonismo do Supremo Tribunal Federal (STF), e em particular à atuação do Ministro Alexandre de Moraes. O “Estado de S. Paulo” qualificou o quadro de “*marcha da insensatez*”⁵. O ex-ministro Marco Aurélio afirmou que “*o STF vive extravagância*”⁶. Na mesma linha, o Ministro André Mendonça criticou o ativismo da Corte⁷. A divergência do Ministro Luiz Fux contra a condenação dos “golpistas do 8 de janeiro” apenas acrescentou mais sombras e dúvidas no julgamento.

O ambiente de contenda parece inevitável. Mas ninguém arreda o pé!

Os conflitos patentes entre os Poderes da República evidenciam a crise de instituições a partir da promulgação da Constituição de 88, prevista pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira: “*Chegar-se-á assim a um desacerto gravíssimo entre o Brasil de superfície e o Brasil profundo, o Brasil constitucional e o Brasil real*”⁸.

Alguém dirá que os entreveros protagonizados pelos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, durante todo o ano, configuram contingências normais da democracia. O palco iluminado onde atuam os grandes do Poder esconde um tanto os movimentos e sentimentos dos bastidores, isto é, da população em geral. Contudo, as divergências se mostram a tal ponto constantes — a propósito de tudo e de nada! — que parecemos caminhar para a ruptura. Sem recuos de parte a parte.

A Câmara dos Deputados impôs derrota humilhante ao governo, quando este tentou aumentar o IOF. O



A agora famosa “Débora do batom”. Condenada a 17 anos de prisão, esta mãe de dois filhos tornou-se representante expressiva daquela faixa de opinião conservadora, “imolada” em nome da “defesa da democracia”

líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues, logo anunciou o contra-ataque: o bloqueio de até R\$ 10 bilhões em emendas parlamentares⁹. Ninguém quer ceder terreno: *Toma lá, dá cá*.

Enquanto os membros do Legislativo duelavam com os do Executivo, a cúpula do Judiciário buscava ajuda no Governo Federal diante da pressão sobre a anistia dos envolvidos nos atos de “8 de janeiro”. Vera Magalhães escreveu no “O Globo”: “*Os ministros do STF estão incomodados de carregar todas as pedras enquanto o governo se omite*”¹⁰.

Integrantes do Legislativo também se voltaram contra o STF. Os pedidos de *impeachment* a Ministros da Corte se multiplicaram durante todo o ano, apesar de nenhum ter avançado. O Supremo sentiu a pressão, a ponto de o Ministro Gilmar Mendes decidir — em voto passível de revisão pelo colegiado — que apenas a Procuradoria Geral da União tem legitimidade para propor o *impeachment* contra Ministros do STF¹¹. O revide veio horas depois! A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal sentiu as dores do Senado e aprovou, de forma rápida e silenciosa, a redação final de um projeto que limita poderes do STF¹². Davi Alcolumbre, presidente do Senado, afirmou que a medida de Gilmar Mendes representava grave ofensa à separação dos poderes¹³. A cantilena continua... causando irritação! *Mas ninguém arreda o pé!*

O STF suscitou dúvidas sobre prerrogativas do Legislativo quando ameaçou prender o Deputado Hélio Lopes (PL-RJ). O parlamentar fazia protesto pacífico na Praça dos Três Poderes, em Brasília, mas foi obrigado a se retirar, por ordem do Ministro Alexandre de Moraes¹⁴.

Segundo o articulista Pablo Ortellado, o Supremo vai assumindo uma postura de “*democracia militante*” contra todos aqueles que supostamente questionam a democracia. O problema, de acordo com o jornalista,

é que “*aplicar as ideias da democracia militante traz desafios. Se a democracia está internamente ameaçada, é porque está em crise, deixou de ter legitimidade para setores importantes da sociedade*”¹⁵.

A situação reflete bem o alerta do Prof. Plínio na obra já citada: “*Empilhar os fatores de incompreensão e de indignação uns sobre os outros*”¹⁶.

Em meio aos ruídos da briga entre os Poderes, em 3 de agosto o descontentamento de boa parte da população veio à tona nas manifestações pela anistia, ocorridas em 37 cidades. Os gritos de “*fora Lula e fora Moraes*” ecoaram no público, repercutindo a voz de parlamentares presentes nos atos¹⁷.

Já no fim do ano, o Congresso Nacional derrubou os vetos de Lula sobre a Lei de Licenciamento Ambiental, patenteando ainda mais o conflito das instituições¹⁸. Os ecologistas radicais amargaram mais uma derrota. A direita do “agronegócio” cantou vitória. *Ninguém arreda o pé!*



E o PIX também entrou ameaçadoramente na pauta do governo petista...

Disparates e desânimo

Alguns disseram que foi apenas um mal-entendido, ou *fake-news*, mas o que transpareceu para o público era que o governo Lula taxaria as transações feitas via PIX. Tratava-se, na verdade, de medida da Receita Federal para monitoramento nesse tipo de transação. Protesto geral nas redes sociais! E o governo teve de sair com esclarecimentos, dizendo que não era nada daquilo¹⁹. As redes sociais é que teriam criado a confusão!

O recém-falecido analista J. R. Guzzo pensou de modo diferente. Afirmou que presenciávamos “*a morte e o enterro de qualquer credibilidade que o poder público possa ter no Brasil de hoje. Ninguém acredita mais em Lula, Janja, Haddad etc., nem leva a sério nada que venha do governo — é esse o drama*”²⁰. Um bom resumo de como parcela ponderável dos brasileiros enxerga a

atual liderança lulo-petista. E o ano transcorreu com essa descrença generalizada.

Em matéria de política externa, os disparates se somaram uns aos outros, seguidos de perplexidade no público. Estranhamente, Lula pediu ajuda ao ditador da China, Xi Jinping, para intervir na rede *TikTok* no Brasil. A “narrativa” é a seguinte: a plataforma é utilizada pela “direita” para espalhar “desinformações” contra o governo²¹.

Tudo isso veio a lume justamente quando se discutia no STF o Marco Civil da Internet. A Corte acabou por definir a inconstitucionalidade parcial do art. 19 da Lei. Vozes da esquerda aplaudiram, mas houve críticas do outro lado: a decisão abala a liberdade de expressão no Brasil²².

A Câmara dos Deputados emitiu moção de repúdio após Lula ter-se encontrado com Putin e outros 18 ditadores em Moscou, por ocasião da celebração do “*Dia da Vitória*”. O Deputado Zucco (PL-RS) afirmou que o encontro “*agride frontalmente os princípios da política externa brasileira, como a prevalência dos direitos humanos e a defesa da paz*”²³.

Ao mesmo tempo que Lula abraçava ditadores na Rússia, criaram-se confrontos inéditos com o Presidente dos Estados Unidos. Os *tarifões* impostos pelo governo de Donald Trump ocuparam os noticiários durante meses. As pesadas taxas americanas serviram bem a Lula para se “tomar de brio” como defensor do País. No fim, a inconstância do líder norte-americano e os encontros com Lula fizeram recuar as tarifas. E o petista ficou com a imagem de “amigo” de Trump. Nem todos acreditaram!

A intervenção de Alexandre de Moraes em questões internas nos Estados Unidos desencadeou os efeitos da “Lei Magnitsky” contra o Ministro. A expressão entrou com recorrência irritante na imprensa nacional, bem como os discursos de “soberania ameaçada”, por parte da esquerda.

O que se passa no fundo da mentalidade da população do Brasil real diante de tudo isso? Cansaço, apatia, indiferença. E aí as forças da Revolução tiram proveito. Com a algazarra midiática que lhe é própria, a esquerda foi às ruas em setembro para protestar contra a “anistia” e a chamada “PEC da Blindagem”,

propostas lançadas por alguns parlamentares para protegê-los contra ações judiciais. O assunto pesou mal para a ala direitista do Congresso, que diante do público ficava como gente “inatingível” pela Justiça em casos eventuais de corrupção. Ponto para a esquerda!

Aprovação e desaprovação

Segundo pesquisas, durante todo o ano o prestígio de Lula foi de gangorra, numa espécie de sobe e desce. No feriado de 1º de maio, o mandatário petista fugiu do público para evitar o vexame ocorrido na mesma data em 2024²⁴.

Até meados de 2025, diversos veículos da mídia (“O Estado de S. Paulo”, “Valor” e “Unisinos”) reconheciam a desaprovação crescente ao governo. A revista “Exame” repercu-

tiu, em fins de junho de 2025, a pesquisa constatando que a aprovação de Lula caíra para 23,9%, a pior desde o início do governo²⁵. Em outubro o “Estado” apontou que a imagem de Lula tinha melhorado, em razão daquilo que foi classificado de “haraquiri da direita”²⁶.

Justamente na época dessa alegada “ascensão” de Lula, ocorreu a “Operação Contenção” no Rio de Janeiro. A eficiente ação da polícia terminou com a morte de 117 envolvidos com o tráfico de drogas e com o Comando Vermelho. A população aplaudiu unânime. De acordo com a agência Quaest, “67% dos brasileiros aprovam a mega operação no Rio e avaliam que não houve exagero da polícia”²⁷. Lula deu um “tiro no pé”,



Agência Quaest: “67% dos brasileiros aprovam a mega operação no Rio e avaliam que não houve exagero da polícia”

criticando a operação: “*Houve uma matança*”, disse em entrevista²⁸.

Para acrescentar mais furos na imagem abalada do presidente, no fim do ano veio a vergonhosa COP30. Gastança desenfreada, problemas logísticos, reclamações de altas personalidades, e até um incêndio! No mega encontro internacional, o que era para dar errado, deu errado. E o que era para dar certo...deu errado! O documento final da COP30, lacônico e sem rumo, chancelou o fracasso do ambientalismo descabelado e ilusório²⁹. Lula, Marina Silva e o governo do PT levaram a culpa. No final do ano a impopularidade do governo ia ladeira abaixo³⁰.

Alguns prelados progressistas insistem em bradar contra os “crimes ambientais” e ignoram as aspirações do “povinho católico fiel”: piedade, oração, sacramentos. Esse distanciamento patenteou-se na declaração de D. Ricardo Hoepers, secretário-geral da CNBB, durante a 40ª Assembleia do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM). Ele reclamou da “*pastoral de conservação*”, centrada nos sacramentos, e do risco do retrocesso democrático³¹.

O que fez a CNBB, quando o Ministro do STF Luís Roberto Barroso deu voto favorável à descriminalização do aborto? Saiu com uma nota de repúdio em defesa da “dignidade humana”. Muito mais eficaz teria sido se a declaração frisasse a questão moral, os Mandamentos da Lei de Deus e a gravidade do pecado³². Palavras brandas e expressões de fundo laicista não farão recuar os pró-aborto, os inimigos da civilização cristã e os inimigos internos da Igreja.

Perspectivas e alertas

Um intrigante relatório da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) veio a público em dezembro. O documento alerta para a quebra da confiança nas instituições oficiais e provável ruptura para as próximas eleições, algo como um novo “8 de janeiro”³³. Se nos dois polos antagônicos “*ninguém tira o pé*”, virá o choque violento. O fato é que a esquerda tem-se mostrado vingativa, e aí está a razão da ruptura.

Nesse sentido, as seguintes palavras de Plínio Corrêa de Oliveira se mostram extremamente atuais para o atual quadro de conflito no Brasil: “*Se a esquerda for açodada na efetivação das reivindicações ‘popu-*

lares’ e niveladoras com que subiu ao poder; se se mostrar abespinhada e ácida ao receber as críticas da oposição; se for persecutória através do mesquinho casuismo legislativo, da picuinha administrativa ou da devastação policialesca dos adversários, o Brasil se sentirá frustrado na sua apetência de um regime ‘bon enfant’, de uma vida distendida e despreocupada. Num primeiro momento se distanciará da esquerda. Depois ficará ressentido. E, por fim, furioso. A esquerda terá perdido a partida da popularidade”³⁴.

Que Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil, nos conduza em meio aos embates e perseguições que os revolucionários ousam ainda perpetrar contra as raízes cristãs desta Terra de Santa Cruz. ✠

Notas:

1. OESP, 27 de julho de 2025
2. “Projeto de Constituição angustia o País”, Parte IV, Proposta da TFP
3. Gazeta do Povo, 17 de outubro, 2025
4. Gazeta do Povo, 24 de abril, 2025
5. OESP, 6 de agosto, 2025
6. OESP, 22 de julho, 2025
7. Gazeta do Povo, 4 de junho, 2025
8. Ibidem, “Projeto de Constituição”
9. BBC, 9 de outubro, 2025
10. O Globo, 30 de abril, 2025
11. O Globo, 3 de dezembro, 2025
12. Veja, 4 de dezembro, 2025
13. O Globo, 3 de dezembro, 2025
14. Veja, 26 de julho, 2025
15. O Globo, 19 de julho, 2025
16. Ibidem, “Projeto de Constituição”
17. Gazeta do Povo, 2 de agosto, 2025
18. Senado Federal, 27 de novembro, 2025
19. OESP, 15 de janeiro, 2025
20. OESP, 18 de janeiro, 2025
21. OESP, 14 de maio, 2025
22. OESP, 14 de junho, 2025
23. Gazeta do Povo, 12 de maio, 2025
24. UOL, 1º de maio, 2025
25. Exame, 27 de junho, 2025
26. OESP, 24 de outubro, 2025
27. G1, 12 de novembro, 2025
28. CNN, 14 de novembro, 2025
29. Gazeta do Povo, 2 de dezembro, 2025
30. Carta Capital, 2 de dezembro, 2025
31. ACI Digital, 30 de maio, 2025
32. CNN, 21 de outubro, 2025
33. DCM, 4 de dezembro, 2025
34. “Cuidado com os pacatos”, Folha de S. Paulo, 14 de dezembro, 1982

COP30

fracasso de ofensiva comuno-ambientalista

Luis Dufaur

A COP30, trigésima Conferência das Partes da ONU sobre Mudança Climática, terminou pifamente. Em Belém do Pará deveriam comparecer governantes e burocratas de mais de 160 países signatários da ECO-92, *lobbies* e ONGs, ativistas vermelhos disfarçados de salvadores do planeta, povos originários (autênticos ou falsos) — todos empenhados em arrancar capitais dos governos e bancos internacionais a fim de dominar as mudanças climáticas e evitar um “apocalipse ambiental”. No entanto, essa cantilena soa cada vez mais como um blefe ancorado na “Teologia da libertação da Terra”.

COP30 abandonada

A ausência de chefes de Estado proeminentes levou muitos outros a concluir que a COP30 ficaria num bate-papo improdutivo. Foi decisiva nesse sentido a aversão do povo norte-americano e do seu governo aos blefes ambientalistas (nas COPs anteriores, financiaram projetos “verdes” utópicos), e sua ausência na Amazônia ensejou muitos países a se ausentar ou enviar delegações de nível inferior.

Só a Noruega destinava para a “proteção” da Ama-

zônia o triplo do que o governo brasileiro destina à área ambiental. Desde 2015 o Brasil destinou pouco mais de R\$ 520 milhões do Orçamento federal, enquanto a Noruega forneceu R\$ 1,75 bilhão para o Fundo Amazônia (87,5% do total) nos últimos dez anos. No preparo da COP30, a única empresa nacional que contribuiu foi a Petrobrás, com 0,4% do total.

Segundo Adriana Ramos, secretária-executiva do Instituto Socioambiental, os recursos internacionais financiam burocracias estaduais de meio ambiente e ONGs. Houve suspeita de que essas doações visariam estabelecer

uma ingerência sobre a Amazônia¹.

Fracasso previsível

O cenário prévio à COP30 era o oposto do prometido no Acordo de Paris (COP 21). O fim das volumosas contribuições dos EUA teve um efeito cascata, e muitos projetos-fantasia foram apagados ou não saíram do papel no mundo inteiro².

Multiplicaram-se as informações sobre o ‘fracasso ambientalista’: projetos de *hidrogênio verde* adiados ou cancelados; mercado de *crédito de carbono* em crise; montadoras voltando aos carros a gasolina; usinas de combustível sustentável de aviação não saem do papel; governos derrubados por insatisfação com os projetos ambientalistas; falências das “energias alternativas”; e o presidente americano Donald Trump, na

**Investida
ecologista-radical
malograda
desmonta ofensiva
contra o Brasil
e a civilização**

Assembleia Geral da ONU, qualificando de “estúpidos” os burocratas que esmagam os povos com impostos ambientalistas. 134 dos 198 países envolvidos não disseram se estavam cumprindo as metas nacionais “para salvar o planeta”.

Resultado: ninguém sabia, em Belém, qual era a temperatura global do planeta, número que devia nortear qualquer decisão, para bem ou para mal³. Com dados de apenas 79 países, ficou impossível chegar a uma conclusão confiável. O secretário-geral da ONU, António Guterres, pranteou que as metas climáticas pré-fixadas não seriam alcançadas⁴. Bill Gates, arauto do catastrofismo climático, virou a casaca declarando que o clima “não levará ao fim da humanidade” — e nem compareceu⁵. O presidente Lula falou na ONU em punir os países descumpridores — ou seja, dois terços do mundo. Mais quimérico, impossível.

Engajamento quase nulo

Na ONU, Lula anunciou que em Belém se faria “a COP da verdade”. E na reunião “Cúpula de Líderes”, prévia à COP30, pediu recursos de um trilhão e trezentos bilhões de dólares anuais para um Fundo de Bosques Tropicais para Sempre (TFFF), a ser gerido pelo Banco Mundial. Só seis países contribuíram, e com somas simbólicas! O chanceler da Alemanha, Friedrich Merz, acenou com um “valor significativo”. Mas saiu apressadamente da COP30 com sua equipe, deblaterando contra o caos da organização⁶. Depois fez uma retratação. A representação japonesa sumiu silenciosamente.

Nem mesmo um número decente de ilustres convidados se apresentou ao coquetel inaugural. E a COP de Belém terminou do mesmo jeito que começou: vergonhoso fracasso em prol de utópicas metas e de estímulo a velhas reivindicações comuno-progressistas⁷.

Líderes ávidos de luxos

Chefes de Estado e de governo, que dizem defender os pobres flagelados pelas “mudanças climáticas”, preferiram usufruir os restaurantes mais famosos e os hotéis de luxo, ponto de encontro de políticos, empresários e badalados líderes das esquerdas. Até o ditador da República do Congo, o militar Denis Sassou N’Guesso, foi tratado com tapete vermelho

para entrar e sair do quarto, modificado para atender às suas exigências.

As delegações oficiais se encontravam nos restaurantes mais caros, como a ex-presidente Dilma Rousseff, beneficiada por sua proximidade com o ditador comunista Xi Jinping. No mesmo restaurante, na mesma hora, a ministra Marina Silva, com a equipe do ministério de Meio Ambiente, almoçava ao ar livre voltada para a Baía do Guajará. Figuras como o presidente francês Macron, o príncipe William, o secretário-geral da ONU e Marina Silva exibiam seu ecologismo recusando peixes de rio

ou “maniçoba” (espécie de feijoada paraense), muito ligados com a região. Guterres ganhou uma costela de carne *Brangus* assada por 24 horas⁸ — blasfêmia ambientalista...

Chefes de Estado e de governo se fotografaram sobre fundos artificiais de floresta tropical, como arautos da natureza, sem sair da área urbana de Belém. Outros, como o português António Costa, presidente do Conselho Europeu, foram gozar de uma travessia de lancha, tomar banho de rio na Ilha do Combu e degustar chocolates locais. A diretora da Anistia Internacional no Brasil, Jurema Werneck, presente para agir contra o “racismo ambiental”, deplorou o esquecimento generalizado dos *direitos humanos* que a COP30 deveria defender, e achou estar numa reunião da Faria Lima,



Público visita a Green Zone/Foto: Alex Ferro/COP30

porque os líderes só falavam de dinheiro e não das verdadeiras problemáticas ambientais⁹.

Para a “Folha de S. Paulo” a “COP30 foi a festa das celebridades”, pela revoada de “famosos” do *jet-set* internacional exibindo-se como interessados em ecologia, acotovelando-se com o cacique Raoni, enquanto cantoras estrangeiras e brasileiras, ministras vestidas de índias ou de extravagâncias, faziam *shows* decepcionando inúmeros comentaristas.

Luta de classes enfeitada de luta ambientalista

A herança revolucionária da ECO-92 ainda latejava contra os restos da ordem mundial (evento qualificado por seu secretário-geral, Maurice Strong, de “mãe de todas as conferências): *“O mundo não será o mesmo a partir de agora [1992]”*¹⁰.

O ataque contra o Brasil ficou focado na agricultura, apresentada como culpada do “novo crime” de desmatamento; e contra a pecuária, indiciada por aquecer o clima com o maior rebanho bovino comercial do mundo. Os consumidores de carne no País também foram culpados por

puxar o seu consumo, que deveria ser diminuído cada vez mais¹¹. Não faltaram ataques à mineração e à exploração de hidrocarbonetos na Amazônia.

Encenação reveladora foi a “Barqueata da Cúpula dos Povos”, em que barcas alugadas para agitadores e “povos originários” exibiram faixas e cartazes invectivando o agronegócio, ecoando a surrada luta de classes contra os proprietários: *“O agro não enche o prato”*; *“O agro passa, a destruição fica”*; *“Mineração: o povo decide”*; *“A destruição da Amazônia é uma ferida aberta no planeta”*. A bandeira feminista: “sem mulher não tem clima”. E o eco da grande reivindicação dos pontífices Francisco e Leão XIV: *“Por justiça social e ambiental”*.

Não faltou a propaganda do financiador: *“Com Lula o Brasil lidera o combate à crise climática”*; *“Obrigado Lula”*. Tudo isso entre abundantes bandeiras do PT, do MST e dos “povos originários”, que deveriam reassumir a direção do Brasil porque ‘só eles sabem lidar com o clima e a natureza’. Barcas semi-vazias foram ornadas

com bandeiras dos palestinos e de Cuba...

Propaganda comuno-indigenista

O objetivo comuno-indigenista foi mascarado com um linguajar definido pela “Folha” como *“burocratês climático”* ou *“linguagem vaga, inflada, pobre, confusa e imprecisa”*, que evocava a “novilíngua” de George Orwell. Esse estranho idioma “verde” forçou-a a *“publicar um glossário para guiar o leitor na selva de siglas estranhas e termos vagos”*. O escritor anarquista inglês, coitado, propusera *“cultivar uma higiene mental e... uma linguagem clara”*, mas isso não compareceu no caos da COP30¹².

Danças e distribuição gratuita de álcool e comida visaram atrair público e promover a confraternização dos

militantes. Muito ao gosto ecologista, o pavilhão de Singapura distribuía cerveja feita com água de esgoto tratada, enquanto outros ofereciam “karaokês”, que cantavam de modo pouco compreensível contra o aquecimento global, além de canções de Michael Jackson, úteis para “curar nosso planeta” etc. O café não ficou por conta do pavilhão do Brasil, mas da Alemanha¹³.

Entre as múltiplas encenações, foi particularmente achincalhante a passeata de artistas disfarçados de animais, vários dos quais inexistentes na Amazônia, como urso branco, girafa e dromedários. Foram arrebanhados pelo “índio Curupira”, mascote da COP30, com quem o presidente Lula quis ser fotografado. Para maior es-



Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante encontro com o “Curupira”, mascote da COP30.

Foto: Ricardo Stuckert / PR

cárnio, os atores contratados fizeram greve porque não receberam o pagamento combinado. O auge da vergonha se deu durante um incêndio atribuído à gambiarra na fiação elétrica, feita oficialmente de material incombustível. O fogo se espalhou pelas tendas e forçou o adiamento da reunião final.

“Igreja Ecológica” da *Laudato Si*

Nos ambientes católico-comunistas, a encíclica *Laudato Si* ficou ratificada como documento constitucional da “Igreja Ecológica”; ou, como observou “Infovaticana”, como catecismo oficial da nova religião ecológica, onde a redução do CO₂ é um objetivo supremo. Ali está toda a terminologia: “conversão ecológica”, “justiça climática”, “cuidado da Casa Comum”. Mas o essencial da fé católica — Cristo, a redenção, a vida eterna — não se sabe onde ficou.

Em reunião plenária em Fátima, os bispos europeus pediram à presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, que agisse com decisão na COP30, mas ela se entretinha com exemplares da fauna e da flora local, segurando um papagaio, observando quelônios e afagando um quati. No discurso verde, os bispos lembraram que a Igreja não existe para gerir orçamentos climáticos, mas para evangelizar. Documento análogo foi elaborado pelo episcopado latino-americano, mas nesse o Evangelho não teve permissão para entrar¹⁴.

Engajamento inconsequente de Leão XIV

Num fim de semana anterior ao início da COP30, o Papa Leão XIV fez uma assembleia extraordinária de três dias com 3.000 militantes dos movimentos sociais, alguns bispos e cardeais em Castel Gandolfo, para incitá-los ao ativismo segundo a *Laudato Si*. A figura de proa foi a ministra Marina Silva, que na presença do Pontífice fez ardida exortação à ação, enquanto o ex-governador esquerdista da Califórnia, Arnold Schwarzenegger, exortava os presentes a processar o governo Trump, como ele o fizera nos seus tempos de governador. No *meeting*, o Pontífice abençoou um bloco de gelo da Groenlândia, alimentando os exageros “verdes” sobre o derretimento das geleiras planetárias.

Durante o transcurso da COP30, Leão XIV exigiu “ações concretas” contra a mudança climática; e em videomensagem dirigida a responsáveis religiosos, à margem daquela conferência, deblaterou contra a falta de

“*vontade política de alguns líderes*”. Não se soube que suas palavras tivessem tido qualquer efeito entre cientistas ou governos sensatos. Também glorificou o Acordo de Paris (COP21), que segundo ele “*impulsionou um progresso real e continua sendo nossa ferramenta mais poderosa para proteger as pessoas e o planeta*”; um discurso em colisão aberta contra o governo dos EUA e outros países descontentes com as fraudes contidas naquele acordo.

Na Audiência Geral de 17 de novembro, Leão XIV pediu uma conversão à “ecologia integral”, sempre segundo a *Laudato Si*, e se engajou em afastar o fantasma do ser humano “devastador” da Criação¹⁵. Na videomensagem às *Igrejas do Sul Global* — denominação desconhecida, mais consonante com a “novilíngua” da luta de classe planetária do Sul contra o Norte — comprometeu o Vaticano com a coalizão socialista-ambientalista. Junto foi apresentado um documento de cardeais da América Latina, África e Ásia pela “casa comum”, também de fraco efeito, pois ninguém via direito como a Igreja pode se engajar em estruturas internacionais, profundamente marcadas por agendas ideológicas contrárias à antropologia cristã, e para o qual não tem missão recebida de Cristo. Os malabarismos verbais e exageros sobre inundações, secas e ondas de calor culpabilizaram os “ricos”, adotando o discurso climático da ONU — escreveu “Infovaticana”¹⁶.

Final tenso e inconclusivo

O vazio texto final da COP30 foi um fiasco que não satisfez ninguém. O presidente da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, pediu desculpas. A conclusão não mencionou o plano de Lula para os combustíveis fósseis, não deixou um plano específico contra o desmatamento, não fez referências específicas à Amazônia (este deveria ser objetivo de fazer a reunião em Belém), limitando-se a avanços simbólicos sobre afrodescendentes, territórios indígenas e questões de gênero na imaginária “crise climática”.

A sessão final foi marcada por tensões e brigas, além de reclamações contra o presidente Corrêa do Lago, acusado de ignorar pedidos e agir de modo pouco transparente. A Rússia e a Índia, porém, defenderam a presidência brasileira, responsabilizando outros países pelo desconjuntamento geral da reunião. Lula não assistiu, como correspondia ao País hospedeiro, e viajou para

a África do Sul, onde elogiou as qualidades culturais de Belém, enquanto o chanceler alemão Merz visou consertar o mal-estar causado¹⁷.

Presente chinês de aspecto demoníaco

Como “cereja no bolo do caos”, o governo comunista chinês ofereceu oficialmente ao brasileiro uma escultura demoníaca denominada *Espírito Guardião Dragão Onça*, como símbolo do que Pequim aguardava da COP30.

A peça forma um ente híbrido de homem, dragão e onça com chifres, dentes pontiagudos e expressão satânica, abraçando o globo terrestre no qual está inscrito “COP30”. Segundo a artista Huang Jian, a obra ficará como um guardião das florestas tropicais, mas suscitou repulsa pela sua horrorosa expressão alusiva a Satanás. De fato, encarna o espírito que se pretendeu inocular na fracassada assembleia mundial de Belém, e com o qual Pequim quer abocanhar o mundo¹⁸.

Balanço final: fracassou mais uma investida comuno-indigenista disfarçada de ambientalismo, que de início ameaçava avançar sobre a soberania intocável brasileira e dos países sul-americanos na Amazônia. Mas desconfia-se que os artífices da tentativa contra a soberania e a propriedade privada prossigam, com pretextos diversos, sua ofensiva contra os valores básicos da civilização cristã ainda vigentes. ✎

Notas:

1. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2025/10/verba-do-exterior-para-amazonia-e-o-triplo-do-que-congresso-destina-ao-ambiente-no-brasil-inteiro.shtml>
2. <https://www.estadao.com.br/economia/efeito-trump-por-que-esta-dando-quase-tudo-errado-na-descarbonizacao-do-planeta-entenda/>
3. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/10/maiores-poluidores-se-omitem-e-principal-relatorio-da-onu-para-cop30-acaba-inconclusivo.shtml>
4. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/10/meta-climatica-de-15c-nao-sera-alcancada-diz-chefe-da-onu.shtml>
5. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/10/bill-gates-diz-que-as-mudancas-climaticas-nao-levarao-ao-fim-da-humanidade.shtml>

6. <https://www.em.com.br/politica/2025/11/7294284-chanceler-alemao-desdenha-de-belem-apos-cop30-contente-por-retornar.html>
7. https://www.clarin.com/mundo/cumbre-clima-cop-30-hora-verdad_0_hLS3Ffu49m.html
8. <https://www.estadao.com.br/sustentabilidade/bastidores-da-cop-30-tapete-vermelho-para-ditador-e-desencontro-de-rivais-em-restaurante-premiado/>
9. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/11/cop30-precisa-perder-linguagem-da-faria-lima-e-adotar-a-de-direitos-humanos-diz-diretora-da-anistia-internacional.shtml>
10. <https://www.estadao.com.br/acervo/rio-92-a-mae-de-todas-as-conferencias-iniciou-uma-nova-era-de-consciencia-ambiental/>
11. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/10/consumo-atual-de-carne-e-insustentavel-diz-autora.shtml>
12. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/11/burocrates-climatico-da-cop30-suaviza-ameacas-e-mascara-responsabilidades.shtml>
13. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/11/cop30-tem-shows-cerveja-feita-com-agua-tratada-de-esgoto-vinho-portugues-e-karaoke-do-clima-na-zona-azul.shtml>
14. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/11/papa-leao-14-pede-aco-es-concretas-sobre-mudancas-climaticas-e-critica-falta-de-vontade.shtml>
15. <https://infovaticana.com/2025/11/19/leon-xiv-espiritualidad-pascual-y-la-ecologia-integral/>
16. <https://infovaticana.com/2025/11/18/leon-xiv-llama-a-las-iglesias-del-sur-global-a-respalda-el-acuerdo-de-paris-en-plena-cop30/>
17. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2025/11/acordo-final-tensao-ate-o-ultimo-momento-e-afago-calculado-veja-como-foi-o-13o-e-ultimo-dia-da-cop30.shtml>
18. <https://osegreto.com.br/noticias/presente-enviado-china-cop30/>



O governo comunista chinês ofereceu oficialmente ao brasileiro uma escultura demoníaca denominada *Espírito Guardião Dragão Onça*, como símbolo do que Pequim aguardava da COP30.



Festas e Santos de JANEIRO



1

SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

[Antigamente,

Circuncisão do Menino Jesus]

Coloquemos nas mãos de Maria o ano que se inicia, para que seja repleto de boas obras. Quem é filho devoto de Maria será defendido nos perigos e livre do pecado (cfr. Oração e Postcomunio da Missa).

2

São Basílio Magno, Bispo, Confessor e Doutor da Igreja

+ Cesareia, 379. Considerado o “*Colosso da Igreja oriental*”, mereceu o título de “*Pai dos monges do Oriente*”, porque suas regras deram forma definitiva à vida monástica. *Primeira sexta-feira do mês.*

3

Santíssimo Nome de Jesus

A devoção ao Santíssimo Nome de Jesus, já arraigada na Igreja desde os seus albores, foi pregada e inculcada de modo particular por São Bernardo, São Bernardino de Siena e pelos franciscanos.

Primeiro sábado do mês.

4

Santo Odilon, Abade

(Vide p. 12)

5

São João Neumann, Confessor

+ Filadélfia, 1860. Natural da Boêmia, foi para os Estados Unidos como missionário dos imigrantes de língua alemã. Nomeado por Pio IX bispo de Filadélfia, promoveu a educação católica das crianças e fundou uma congregação religiosa feminina com essa finalidade.

6

EPIFANIA DO SENHOR, OU SANTOS REIS

Epifania significa “manifestação”. Com a adoração dos Magos, Nosso Senhor se manifestou a todos os povos, e não só aos judeus.

7

São Canuto Lavard, mártir

+ Dinamarca, 1131. Filho do rei da Dinamarca, seus compatriotas o chamavam de

Lavard (ou o *Senhor*). Foi duque da Jutlândia, favoreceu a atividade missionária de São Vicelino e recebeu do imperador do Sacro Império Romano Alemão o título de rei. Isso provocou a ira do soberano da Dinamarca, e Canuto acabou sendo assassinado pelos próprios primos.

8

São Pedro Tomás, Bispo e Confessor

+ Chipre, 1366. Carmelita, encarregado pontifício de delicadas missões diplomáticas, depois Bispo e Legado universal para todo o Oriente.

9

Santo André Corsini, Confessor

+ Fiésole, 1373. Carmelita, de uma das mais ilustres famílias de Florença, fez-se religioso depois de vida mundana, expiando suas leviandades mediante grandes penitências.

10

São Guilherme de Bourges, Bispo e Confessor

+ 1209. Grande amante da solidão, ingressou na Ordem de Cister. Em nome da obediência, foi levado depois para ocupar a Sé arquiépiscopal de Bourges, no centro da França.

11

São Teodósio o Cenobita, Confessor

+ Palestina, 529. Retirando-se para o deserto perto de Belém, a fim de viver em recolhimento, sua fama de santidade lhe atraiu inúmeros discípulos. Construiu três hospitais. Com São Sabas, lutou valorosamente contra a heresia monofisista, sendo por isso desterrado pelo imperador bizantino.

12

Batismo de Nosso Senhor

(domingo depois da Epifania)

Santo Antônio Maria Pucci, Confessor

+ Viareggio, Itália, 1892. Da Congregação dos Servos de Maria, santificou-se como pároco de um porto pesqueiro e de veraneio. Dedicou-se de corpo e alma à conversão dos infiéis e pecadores, à instrução infantil,

bem como ao cuidado dos doentes, anciãos e pobres.

13

Santo Hilário de Poitiers, Bispo, Confessor e Doutor da Igreja

Poitiers, França, séc. V. “Por defender energeticamente a fé católica, esteve quatro anos desterrado na Frígia. Entre outros milagres ali praticados, ressuscitou um morto. O Sumo Pontífice Pio IX declarou-o e confirmou-o Doutor da Igreja Universal” (Martirólogo Romano).

14

São Félix de Nola, Confessor

+ Nola (Itália), 256. Sacerdote, passou por vários suplícios nas perseguições dos imperadores romanos Décio e Valeriano, saindo incólume. Após edificar a todos com sua santa vida, faleceu no Senhor.

15

Santo Amaro ou Mauro, Confessor

+ Subiaco, 584. Filho de um senador romano, aos 12 anos foi entregue a São Bento de Núrcia para ser educado. São Gregório Magno o exalta pelo seu amor à oração e ao silêncio. Avançado na virtude, apesar de sua pouca idade, foi incumbido por São Bento de dirigir monges e mosteiros.

16

São Marcelo I, Papa e Mártir

+ Roma, 309. Reorganizou a Hierarquia eclesiástica. Sob Maxêncio, foi exilado e obrigado a viver num estábulo, onde morreu em consequência dos maus tratos.

17

Santo Antônio Abade, Confessor

+ Egito, 356. Viveu longos anos de penitência no deserto, onde resistiu como herói católico a violentas tentações do demônio.

18

Santa Prisca ou Priscila, Virgem e Mártir

+ Roma, séc. I. É considerada por muitos a primeira mártir do Ocidente. Foi batizada por São Pedro aos 13 anos e martirizada pouco depois, por ter-se recusado a queimar incenso aos deuses.



6



12



20



23



24



25



28



31

19

Santos Mário e Companheiros, Mártires

+ Roma, 270. Mário, sua esposa Marta e seus dois filhos viajaram da Pérsia a Roma para venerar os sepulcros de São Pedro e São Paulo. Ao visitarem depois os cristãos nos cárceres, foram também detidos e martirizados.

20

São Sebastião, Mártir

+ Roma, 288. Centurião da guarda pretoriana de Diocleciano, sustentava com zelo apostólico os confessores da fé e os mártires. Denunciado, foi trespassado com flechas. Curado milagrosamente, foi açoitado até a morte. Tornou-se um dos santos mais populares da Igreja.

21

Santa Inês, Virgem e Mártir

+ Roma, 304. A fortaleza desta menina de 13 anos assombrou seus verdugos, os quais, entretanto, mataram-na cruelmente. São Dâmaso e Santo Ambrósio cantaram entusiasmados os seus louvores.

22

Santos Vicente e Anastácio, Mártires

+ 304 e + 628. São Vicente foi um valoroso diácono de Zaragoza, célebre na História da Igreja; para provar sua fidelidade a Cristo, enfrentou toda sorte de tormentos. Anastácio foi um monge persa decapitado com outros 70 cristãos pelo rei Cosroes.

23

Santo Ildefonso, Bispo e Confessor

+ Toledo, 667. Discípulo de Santo Isidoro, foi arcebispo de Toledo e zelosíssimo defensor da virgindade de Maria contra os hereges, escrevendo um livro para refutá-los.

24

São Francisco de Sales, Bispo, Confessor e Doutor da Igreja

+ Annecy, 1622. Bispo de Genebra, animado de profundo amor de Deus e das almas, era dotado de bondade e suavidade excepcionais no trato, sólida cultura e ortodoxia. É um mestre da vida espiritual, sendo também patrono dos jornalistas e publicistas católicos. Foi muito odiado pe-

los protestantes calvinistas, que não lhe permitiram tomar posse da sua diocese de Genebra.

25

Conversão de São Paulo Apóstolo

Ao cair do cavalo, o perseguidor dos cristãos tornou-se Apóstolo. Instruído pelo próprio Jesus Cristo, foi um dos mais ardorosos proclamadores do Cristianismo. Submisso ao Papado, soube resistir com respeito e firmeza a São Pedro na questão dos judaizantes. São Pedro, demonstrando grande elevação de alma, acabou por dar-lhe razão.

26

São Timóteo, Mártir, e São Tito, Confessor

+ Ásia Menor, séc. I. Foram dois discípulos de São Paulo. A Timóteo, seu preferido e fiel companheiro, São Paulo escreveu duas epístolas cheias de conselhos. Foi Bispo de Éfeso e morreu apedrejado pelos pagãos. São Tito também acompanhou o Apóstolo em algumas viagens, tornando-se depois Bispo de Creta, onde morreu.

27

Santa Ângela de Merici, Virgem

+ Bréscia, 1540. Consciente de que as desordens da sociedade se originam em grande parte da corrupção da família, fundou o instituto religioso das *Ursulinas*, para a educação da juventude feminina e formação de mães cristãs.

28

Santo Tomás de Aquino, Confessor e Doutor da Igreja

+ Fossa Nuova, 1274. O maior teólogo da Igreja foi, aos cinco anos, confiado aos monges beneditinos de Monte Cassino, entrando depois para a Ordem Dominicana, da qual é, com o fundador São Domingos, a maior glória. Com razão foi cognominado *Doutor Angélico*, por sua pureza de vida e elevação de doutrina, que transcende a pura inteligência humana.

29

São Sulpício Severo, Bispo e Confessor

+ França, 591. São Gregório de Tours

refere-se a ele com muito respeito, elogiando suas virtudes. Foi nomeado para a Sé de Bourges em lugar de candidatos simoníacos.

30

Santa Jacinta Mariscotti, Virgem

+ Viterbo, 1640. Embora educada cristãmente, levou vida frívola e mundana mesmo no convento, onde entrara por ordem do pai. Adoecendo gravemente, o confessor do convento não quis atendê-la, dizendo que o Céu não era feito para pessoas vãs e soberbas. Um terror salutar levou-a ao arrependimento e ao remorso, e depois à reparação, transformando sua vida e conduzindo-a à honra dos altares.

31

São João Bosco, Confessor

+ Turim, 1888. Exerceu enorme influência no campo religioso e social, tendo fundado a Sociedade Salesiana e o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. São Pio X afirmou: *"O êxito dessa obra só pode explicar-se pela vida sobrenatural e santidade de seu fundador."* De alma simples, alegre e ardente, não havia obstáculo que o detivesse na senda do bem.

SANTA MISSA

celebrada pelo Revmo. Padre David Francisquini

Intenções para a Missa em janeiro

Pelos leitores e benfeitores de Catolicismo e suas respectivas famílias, a fim de que sejam especialmente protegidos neste novo ano que se inicia. Na Missa haverá uma menção rogando por um Brasil sem a enorme onda de criminalidade, que se expandiu assustadoramente no ano anterior.

Intenções para a Missa em fevereiro

Rogando a Nossa Senhora de Lourdes (1858) — cuja festa é comemorada pela Santa Igreja no dia 11 de fevereiro — para que conceda plena saúde de alma e de corpo a todos os leitores de Catolicismo e aos seus parentes mais necessitados. Pediremos também a Ela pela saúde dos ucranianos feridos na guerra em defesa de seu país.

LANÇAMENTO DO LIVRO A SOBERANIA NECESSÁRIA

Luís Cerqueira

São Paulo – Às 20 horas do dia 18 de novembro, em um dos salões lotados do *Hotel Transamérica Executive*, localizado no bairro Higienópolis desta capital, foi lançado o livro *A Soberania Necessária*, do Prof. Roberto de Mattei.

Nessa ocasião, o renomado agrônomo-ecólogo Prof. Evaristo de Miranda ministrou uma excelente palestra intitulada “*A agricultura brasileira e sua contribuição para o meio ambiente*”.

Ele começou lembrando ao público presente uma verdade cada vez mais esquecida: a vocação do Brasil para produzir, gerar riqueza e alimentar nações, respeitando a natureza. Nesse sentido mais amplo, a agricultura não é inimiga da criação e do meio ambiente, mas o sustentáculo do que resta de ordem orgânica em nossa sociedade. Ela é, por assim dizer, a continuação do Brasil real, frente às abstrações do ambientalismo ideológico.

Antes da palestra, o presidente do *Instituto Plínio Corrêa de Oliveira*, Dr. Mario Navarro da Costa, dirigiu algumas palavras ao público, situando o evento no contexto da crescente ofensiva internacional contra a soberania do Brasil.

Dr. Evaristo reforçou este ponto apresentando mapas, séries históricas e imagens de satélite — dados inequívocos mostrando que **o Brasil preserva mais de 66% de sua vegetação nativa**, ao mesmo tempo

em que figura entre os maiores produtores de alimentos do planeta.

Esteve presente ao ato o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança, autor do best-seller *Psicose Ambientalista*. Com 10 edições, essa obra desmascarou a manobra global que, sob pretexto ecológico, pretende subjugar nações independentes.

O ilustre professor italiano Roberto de Mattei enviou um *podcast* especial para a ocasião, felicitando o público brasileiro em pleno contexto da *COP30*. Ele demonstrou que a soberania não é uma convenção efêmera, mas uma exigência inscrita na natureza social do homem.

Sob este ponto de vista, uma pergunta se impõe: terá a *COP30*, recém-realizada em Belém do Pará, sido um mero evento internacional, ou uma amputação abjeta da soberania brasileira frente à onda globalizante? Pois se nossa agricultura passa a ser instrumentalizada por discursos vindos de organismos internacionais, então o que se fragiliza não é a produção de alimentos, mas a nossa própria soberania.

Sem ela, o Estado define-a, a sociedade se dispersa, e a ordem é rompida. Defender a soberania da Amazônia sobre o nosso solo, sobre a propriedade e o trabalho, não é tarefa para diplomatas, mas um dever moral e patriótico de todo brasileiro, expressão concreta do IV Mandamento — “honrar pai e mãe”, que inclui honrar





O expositor Prof. Evaristo de Miranda (dir.), ao lado do Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança



a Pátria que recebemos dadivosamente da Providência, e, portanto, protegê-la como propriedade nossa.

O Prof. Evaristo de Miranda, ao demonstrar que a agricultura brasileira contribui para o meio ambiente mais do que qualquer narrativa alarmista ousa admitir, fez-nos ver que o verdadeiro “meio ambiente”, em seu sentido amplo, é a ordem social bem estruturada — e não a utopia do solo intocado, promovida por correntes que fantasiam o primitivismo como ideal.

Se a *COP30* pretendeu impor reformas, metas e cedências aos Estados, a pujança da agricultura brasileira indica o caminho inverso: o País deve impor condições, defender seu patrimônio, o direito ao trabalho, o direito à prosperidade, contra qualquer forma de tutela internacional.

É fácil enfeitar com flores vistosas um discurso ecológico. Difícil — e decisivo — é manter a ordem desejada por Deus e as forças vivas da nação, contra as rajadas dos ventos da Revolução. Em última análise, o que foi testado em Belém do Pará é se o Brasil irá

trocar sua soberania por aplausos fátuos de um público adestrado, ou por um eventual desenvolvimento de “créditos verdes”, trocando sua liberdade pelas promessas fátuas mais que nebulosas de uma “governança global”.

Resta-nos um apelo: que o Brasil não se deixe conduzir pela “religião ecológica”, que transforma preservação em tutela, cooperação em subordinação e diálogo em submissão. Que a conferência do Prof. Evaristo de Miranda — reforçada pela autoridade moral do Príncipe Dom Bertrand e pela clareza doutrinária do Prof. Roberto de Mattei — seja um sustentáculo para a tese de que desenvolvimento com fé é possível, verdadeiro e necessário.

Suplicamos a Nossa Senhora Aparecida que preserve a unidade católica do Brasil, iluminando os brasileiros, para que resistam às investidas deste verdadeiro Titanic ambiental de falácias e imposturas. Que não sejamos palco passivo de agendas globais, mas protagonistas conscientes na luta em defesa da Terra de Santa Cruz. 



SÃO PAULO DE OUTRORA



Vale do Anhangabaú



Campos Eliseos, nos anos 30



Chá no Mappin

No tempo antigo do bairro Campos Eliseos, onde morei na capital paulista, os jardins eram muito bonitos, com flores ornamentais. As casas eram ‘sossegadonas’, distintas e elegantes.

Quando eu era mocinho, gostava de dar um giro a pé pelas ruas (nas quais meus familiares habitualmente não transitavam) para flunar sozinho. Gostava de passar diante das casas e observar seus jardins, as flores particularmente bonitas, mais adiante ouvir a voz de alguma mulher cantando desafinada, com a janela aberta, eu a percebia costurando.

Observava um caniche que passava, depois um lulu da Pomerânia, mais adiante um cachorro ‘de rua’. Às vezes aparecia um filhote mestiço (certamente uma cadela tinha escapado para a rua e encontrado um cachorro sem raça, daí o nascimento desse mestiço) com a saúde robusta, por um lado, e por outro um pouquinho de finura da cadela. Andava luzidio e exibicionista como um burguesinho, abanando o rabo e latindo para se fazer ver.

Mais adiante eu encontrava uma padaria de portugueses, exalando o cheiro bom de pão quente saindo do forno, convidando-me a entrar e comprar.

Naqueles tempos as coisas tinham certo molejo, havia tempo para tudo, ninguém fazia as coisas depressa. Sabia-se que catástrofes podem acontecer, mas nada inopinadamente, e todo mundo levava vida tranquila.

Inúmeras vezes, pessoas de minha família se queixavam desse ou daquele incômodo (em geral eram pequenos incômodos), e eles iam ao médico no centro da cidade, que era ao mesmo tempo lugar de negócios e de passeios. Havia cinemas, confeitarias, uma porção de atrações dessas, de boa qualidade, e essa ida ao médico se transformava também num passeio.

Era comum uma senhora ir ao médico levando dois ou três filhos ou sobrinhos, para depois tomarem chá na casa Mappin, por exemplo. No centro da cidade a pessoa podia ir e se distrair. Como seria isso hoje?... 

